Correio das Artes

ANO LXXVII

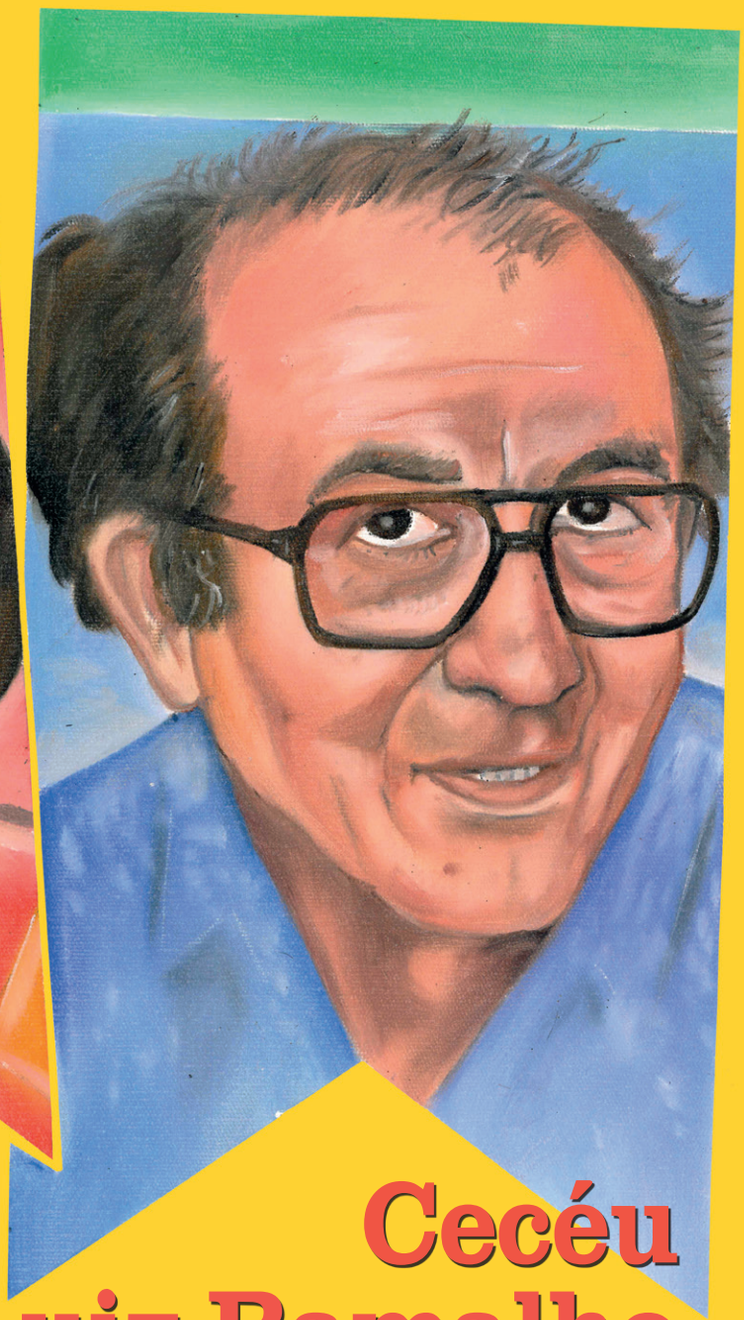
Nº 2

ISSN 1984-7335

R$ 20,00

Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R$ 20,00.





Cecéu & Luiz Ramalho

Colecionadores de sucessos, os compositores são os homenageados da 9ª edição do Festival de Música da Paraíba

Suplemento literário do Jornal A União

Abril 2026

NOTÍCIA COM **FONTE**,
FATO COM **PROVA**,
INFORMAÇÃO COM
CREDIBILIDADE.

CORREIO DAS ARTES
COM **REGULARIDADE.**

marketing epc/foto: leonardo ariel



ASSINE O JORNAL A UNIÃO E RECEBA MENSALMENTE O MELHOR SUPLEMENTO LITERÁRIO DA PARAÍBA.

83 99117-7042

EDITORIAL

Mais dois grandes nomes figuram na galeria das homenagens do Festival de Música da Paraíba, cuja 9ª edição terá as eliminatórias nos dias 22 e 23 de maio, em Conceição, e a finalíssima acontecerá no dia 30 do mesmo mês, em João Pessoa.

Reverenciando os que passaram pelo mundo e já se foram, a celebração póstuma deste ano será o legado deixado pelo compositor e músico Luiz Ramalho (1931–1981), autor que consagrou-se nos grandes festivais do país, sendo também um destacado parceiro da majestade do baião, o seu "xará" Luiz Gonzaga (1912–1989). Como um hábil alquimista da melodia e das letras, colocou as vivências sertanejas no tubo de ensaio, adicionando sofisticações oriundas do *jazz* e da Bossa Nova, além de passear engenhosamente por outros gêneros e outras temáticas.

Criador de poesias como as canções "Foi Deus quem fez você", "Veio d'água", "Daquele jeito" e "Retrato de um forró", Luiz Ramalho é um nome para ser sempre lembrado na história da música popular brasileira.

Outro grande nome que merece todas as reverências da 9ª edição do festival é a cantora e compositora Cecéu, metade do "casal 20" (ambos nota 10) da música nordestina. Ao lado de Antonio Barros (1930–2025), ela compôs uma série de sucessos a perder de vista, distribuída em diversas vozes consagradas (como Elba Ramalho, Ney Matogrosso e Amelinha) e ritmos, inclusive em outras línguas.

"Homem com H", "Por debaixo dos panos", "Bulir com tu", "É proibido cochilar", "Sou o estopim", "Bate coração" e tantas outras que não caberiam por aqui, já que foram mais de 50 anos de parceria com Antonio Barros.

Nesta edição, vamos mostrar um pouco da importância desses dois baluartes da música brasileira, que, com certeza, serviram de inspiração para os artistas classificados do festival.

ÍNDICE

HISTÓRIA | 26
Hildeberto Barbosa analisa *Maria Bonita: entre o punhal e o afeto*, da professora e ensaísta Nadja Claudino

ENSAIO | 30
Renomado fotógrafo paraibano Gustavo Moura traz os registros inéditos do projeto *Candeeiro dos dias*

RESENHA | 44
Uma apreciação do premiado livro *Presente do acaso: um ensaio biográfico sobre Silviano Santiago*

DIÁLOGO | 52
Sérgio de Castro Pinto entrevista o poeta Expedito Ferraz Jr., que estreia na ficção com *A terceira cidade*

RESENHA | 56
Um passeio pela coletânea de versos em quadras de Petrônio Souto, o poeta "das pequenas coisas"

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

Naná Garcez de Castro Dória
Diretora Presidente

William Costa
Diretor de Mídia Impressa

Amanda Mendes Lacerda
Diretora Administrativa, Financeira e de Pessoas

Rui Leitão
Diretor de Rádio e TV

Correio das Artes

Audaci Junior
Editor do Correio das Artes

Débora Borges
Diagramação

Tônio
Arte da capa e ilustrações

Esmejoano Lincol
Revisão textual

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de textos, figuras, fotos, ilustrações autorais deste suplemento, sem prévia e expressa autorização da direção do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

OUVIDORIA: (83) 99143-6762

PABX: (83) 3218-6500
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)
CONTATO: **redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gpv.br**

Luiz **Ramalho**: um poeta **alquimista** com **amor nordestino**

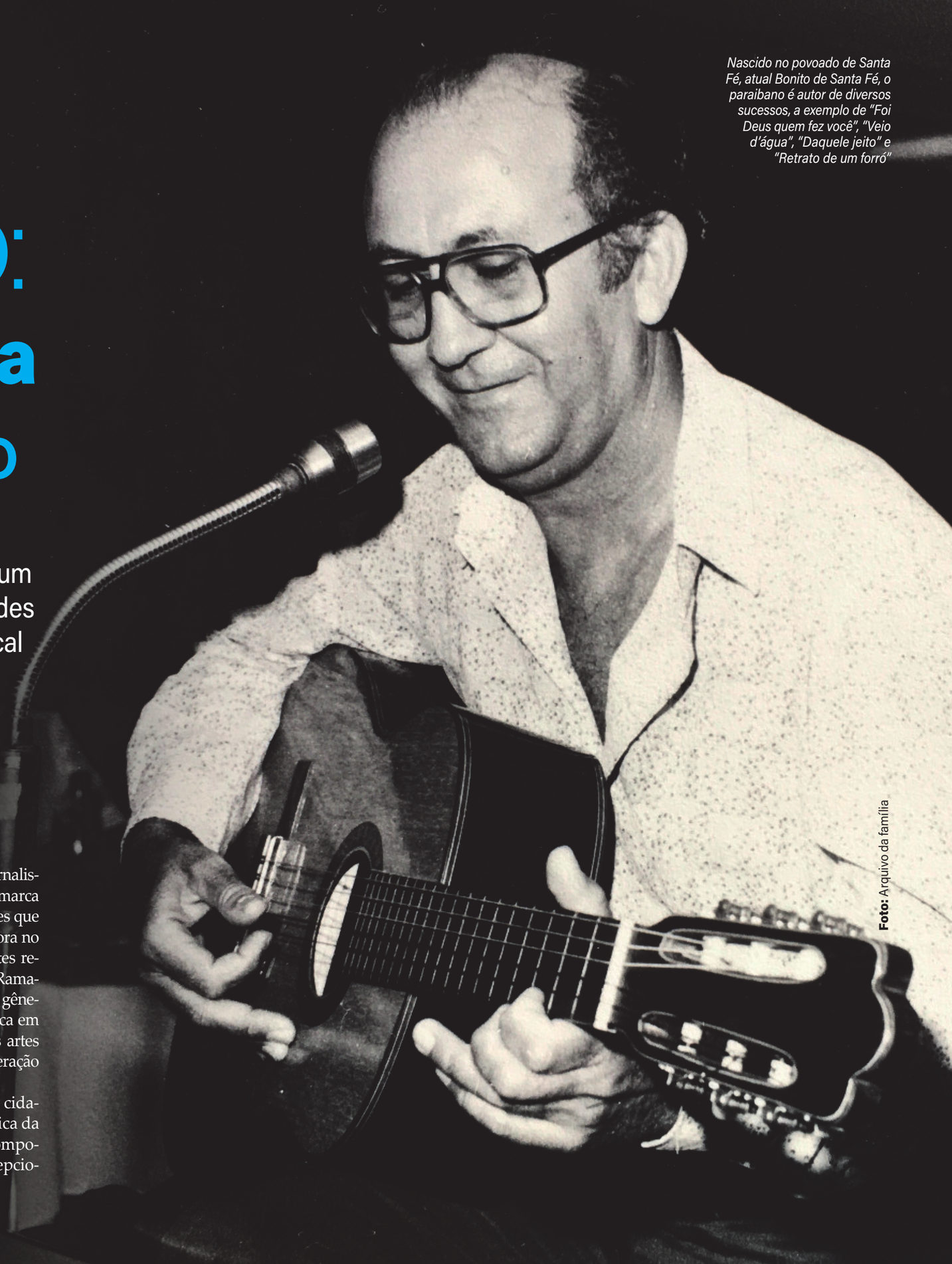
Homenageado póstumo da 9ª edição do Festival de Música da Paraíba, compositor consagrado a partir da era dos festivais foi um grande parceiro de intérpretes de renome nacional e fez das odes à vivência sertaneja e de outros gêneros o seu laboratório musical

Emerson da Cunha
emerson.auniao@gmail.com

Após oito anos lançando sucessos musicais de todo o estado, chega a sua 9ª edição o Festival de Música da Paraíba no mês de maio, realizado pelo Governo do Estado, por meio da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), em parceria com a Secretaria de Estado da Comunicação (Secom) e a Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc). Este ano, as eliminatórias ocorrerão nos dias 22 e 23, na cidade de Conceição, e a grande final no dia 30, em João Pessoa, no Teatro de Arena do Espaço Cultural. Como aconteceu nos últimos três anos, o evento gratuito tem reverenciado um artista em memória e um artista em vida. Em 2026, os homenageados são o compositor Luiz Ramalho (1931–1981) e a cantora e compositora Cecéu.

Para a diretora presidente da EPC, a jornalista Naná Garcez, Luiz Ramalho deixou uma marca enorme na música paraibana, com composições que emocionam e refletem o dia a dia de quem mora no Sertão da Paraíba. "Além disso, teve intérpretes representativos, não só Luiz Gonzaga, mas Elba Ramalho e tantas outros artistas. Ele não era de um gênero só, compunha vários ritmos. A Paraíba é rica em talentos na área da música, na literatura, nas artes plásticas e isso é necessário que se passe de geração em geração", reflete Garcez.

Além de Conceição e João Pessoa, outra cidade que receberá ações do 9º Festival de Música da Paraíba será Bonito de Santa Fé, terra do compositor Luiz Ramalho. No dia 22, a cidade recepcionará a *Manhã de Literatura*, a partir das 9h.



Nascido no povoado de Santa Fé, atual Bonito de Santa Fé, o paraibano é autor de diversos sucessos, a exemplo de "Foi Deus quem fez você", "Veio d'água", "Daquele jeito" e "Retrato de um forró"

Foto: Arquivo da família



Para o cantor e compositor Bira Delgado, Ramalho "furou a bolha" dos compositores de Luiz Gonzaga

Foto: Reprodução/Instagram

Luiz Ramalho valorizava os festivais, e os considerava uma ótima vitrine para os novos artistas. Em 1967, o compositor se inscreveu na primeira edição do Festival Paraibano de Música Popular Brasileira (MPB), promovido à época pela Sociedade Cultural de João Pessoa. Ganhou o segundo lugar com "Meação", interpretada por Gilson Reis e o conjunto de Aldemir Sorrenti-

Foto: Natália Di Lorenzo/Divulgação



Segundo Sandra Belê, entre os principais elementos da musicalidade de Ramalho, está o amor sertanejo

no. Mas a vitória só viria mesmo com o primeiro lugar em 1968, na segunda edição, com a música "Tropeiro", interpretada por Chico Zacarias e o Quarteto Som. As músicas tratavam das dinâmicas sertanejas, ao mesmo tempo em que introduziam sofisticações do *jazz* e da Bossa Nova, como a harmonia modal. Ainda nos festivais, ele ganhou o Prêmio de Composição de Ouro para a canção "Lagoa", em homenagem ao ponto turístico de João Pessoa.

"A Paraíba é muito rica em termo de produção de música popular e Luiz Ramalho foi um dos paraibanos que se consagraram a partir da era dos festivais, por suas participações vitoriosas, tanto na Paraíba, quanto a nível nacional", lembra o diretor de Rádio e TV da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), Rui Leitão. "Ele entendia que a Paraíba tinha condições de se fazer representar em festivais de música do Sul do país, como o da TV Record, o da TV Excelsior, e apresentar o nível compatível com a qualidade dos festivais", explora Leitão.

Parceria com o "Rei do baião"

O diálogo de Luiz Ramalho com o público ia além da participação nos festivais, e se espraiava a partir da parceria com intérpretes de renome nacional, como é o caso de Elba Ramalho e Luiz Gonzaga (1912–1989).

Para o cantor e compositor Bira Delgado, Ramalho conseguiu a proeza de se tornar uma das principais parcerias de Gonzagão. "Luiz Ramalho foi o grande responsável de 'furar a bolha' de compositores de Luiz Gonzaga. De Pernambuco, dois grandes compositores que sustentaram as principais obras de Gonzaga foram Zé Dantas e João Silva, e, no Ceará, o inventor do baião, juntamente com Luiz Gonzaga, que era Humberto Teixeira. Gonzaga só ouvia os três e, de repente, parar para ouvir Luiz Ramalho, para mim, foi uma grande sacada da estratégia que Ramalho teve de chegar em Luiz Gonzaga e gravar 'Roendo unha' como um dos principais sucessos", defende Delgado.

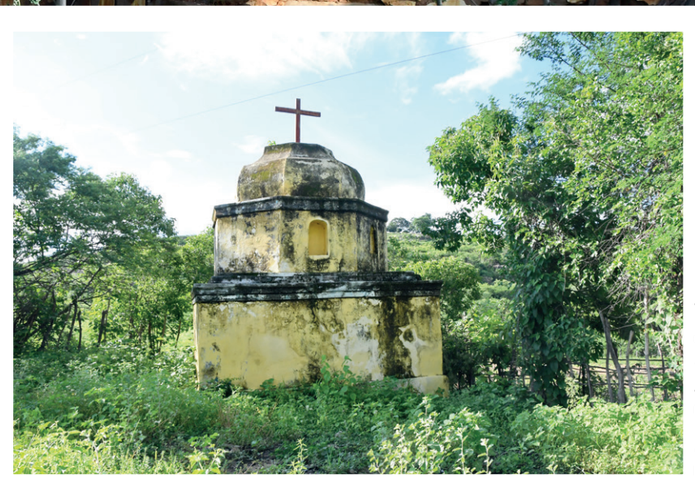
Na música, Ramalho foi responsável por fazer odes à vivência sertaneja que havia experimentado, não se firmando apenas no forró ou no baião, mas pôde se constituir também como compositor de outros gêneros. "Luiz Ramalho veio para a cidade urbana, para João Pessoa, com esse veio popular, de um conhecimento do laboratório de Sertão, que era o mesmo laboratório de Zé Dantas e João Silva. Então, aproveitou o conhecimento popular que ele tinha, das feiras, dos cordéis, dos cantadores de viola, enfim, todo esse laboratório que ele trouxe e ao mesmo tempo também ele não se contentou só com o forró. Ele entrou em outros gêneros, como samba", conta Bira.

As vozes mais contemporâneas do forró reconhecem a importância das músicas de Ramalho, como é o caso da cantora e compositora Sandra Belê, que interpreta algumas de suas canções em suas apresentações.

Para a artista, entre os principais elementos da sua musicalidade, está o amor sertanejo. "Ele traz muito do amor, mas também muito do sertanejo, muitas paisagens nordestinas. Enquanto a gente canta, se fechar os olhos, você vê toda uma paisagem. Ele narra a vivência de uma pessoa interiorana nordestina", ilustra Belê. "Ele fala muito da terra, dos pássaros e do amor sertanejo. Falando com o nosso sotaque, falando das nossas belezas, fauna e flora, tudo você visualiza na canção dele. Ele falou muito lindamente de amor e de um amor nordestino. É um cara apaixonado pela terra dele".



Sobrinho Péricles Ramalho, que mora no município de Bonito de Santa Fé, ao lado das ruínas da casa onde Luiz Ramalho nasceu; região foi alvo dos cangaceiros, que invadiram a antiga igreja, que também se desfez com o tempo, tendo preservado apenas um cruzeiro de cerca de 200 anos (abaixo)



Fotos: Roberto Guedes

Enchente e bala

Quando perguntado de onde era, era comum que Luiz Ramalho respondesse que vinha do povoado de Santa Fé, distrito a cerca de meia hora do Centro de Bonito de Santa Fé, municipalidade a qual está vinculado.



Segundo familiares, Luiz Ramalho tem em torno de 300 composições, entre elas, 170 inéditas

Foto: Arquivo da família

Outrora um centro movimentado, Santa Fé caiu por algumas décadas em desolamento depois das fortes cheias do Rio Piranhas, que corta suas terras, e após ser atacada por bandos de cangaceiros, nas primeiras décadas do século passado. Como o próprio Luiz Ramalho dizia, o povoado se acabou por "enchente e bala".

Conta-se que, como parte dessa investida, os cangaceiros ocuparam a igreja local, destinada ao Sagrado Coração de Jesus, meteram "balaço" no padre, o matando, e ainda atirando nos fiéis. A igreja ficou abandonada, e muitas pessoas saíram do distrito com medo, se alocando em outras terras, algumas delas subindo a serra e fomentando o que viria a ser a cidade de Bonito de Santa Fé. O templo entrou em ruínas e hoje está sob o mato que irrompe no terreno. Apesar do desaparecimento da igreja, ainda se mantém, em frente ao terreno do antigo templo, como sinal da manutenção da religiosidade, um cruzeiro de cerca de 200 anos, preservado pela comunidade local. O cruzeiro também se mantém entre o mato que ocupa suas laterais.

Foi sob esse cenário que nasceu e viveu os primeiros anos da vida Luiz Ramalho, nascido em 1931. O compositor e instrumentista é conhecido especialmente pela canção "Foi Deus quem fez você", eternizado na voz de Amelinha, em apresentação no Festival da Nova Música Popular Brasileira (MPB 80), promovido pela Rede Globo, em 1980, tendo vencido o segundo lugar

na competição e vendido mais de um milhão de discos. Além disso, faz parte do clã dos Ramalho, cujos expoentes principais são os primos — Elba e Zé Ramalho — este de Brejo do Cruz, aquela de Conceição.

Segundo familiares, ele tem em torno de 300 composições, entre elas, 170 inéditas. Na parceria com Luiz Gonzaga, inclusive, o sobrinho Péricles Ramalho, que mora no município de Bonito de Santa Fé, explica que muitas músicas ficaram mesmo no nome de Lula, sem citar o outro Luiz. "Naquela época, não tinha o lado financeiro. Ele queria só apresentar. Aí depois, quando era dele mesmo a composição total, era que aparecia o nome dele e de Luiz Gonzaga. Mas ele tinha muitas músicas de Luiz Gonzaga".

Na cidade, apesar de muita gente reconhecer Luiz Ramalho como filho ilustre e alguns de seus familiares ainda morarem na região, poucos são os sinais de que ele passou por ali. Seu nome consta no número 17 entre as cadeiras memoriais da Academia de Cultura Data de Cedro, que "homenageia os vultos sagrados de Bonito de Santa Fé", como reforça o escritor e historiador local José Carlos de Oliveira. Além disso, Luiz Ramalho dá nome ao Complexo Legislativo Judiciário da cidade, que abrange hoje a Câmara Municipal e uma agência do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) — antes, junto à câmara, no lugar da agência, havia um fórum, de onde veio o termo "judiciário".

Velho Lua

O distrito de Santa Fé, antigo povoado, guarda as memórias em torno de pequenas ruínas, cortadas pelo Rio Piranhas, que dão em uma série de cachoeiras, especialmente a partir de agora, com o aumento da incidência das chuvas. São as gotas que caem do céu que também fazem verdejar todo um vale que está em posse da família dos Ramalho, como é o caso da fazenda Belo Jardim. Daquela que chamam "a antiga Santa Fé", é o sobrinho Péricles Ramalho quem ainda mantém trechos de algumas propriedades da família, como é o caso de três casas conjuntas originais, que foram de Ramalho, depois de um de seus irmãos, e agora é propriedade dele. Permanecem ao longo do tempo e são utilizadas para aluguel ou como depósito de materiais diversos.

Também com aparência de abandono aparece a pequena estrada de terra o cemitério, que guarda lembranças históricas, como é o caso de um túmulo imponente do início do século 20. É lá, em uma pequena capela, que estão enterrados familiares de Luiz Ramalho, como a irmã, Anita, os pais e os avós. O corpo de Luiz não está entre eles, encontrando-se na cidade de João Pessoa.

Reforçando a ambiência, a casa onde Luiz Ramalho nasceu também se encontra em ruínas. Da estrada, quase não se vê nada. É preciso parar no acostamento, andar um bom pedaço de chão de barro e se embrenhar em meio ao mato alto. Dela, só é possível ver os tijolos maciços e perceber que se tratava de uma grande casa, que contava com luxos como suítes e sótão onde era guardada parte da produção de um engenho da família.



Foto: Reprodução/RCA

Na década de 1970, Luiz Gonzaga (1912–1989) gravou composições como "Facilita", "Daquele jeito", "Retrato de um forró", "Roendo unha" e "Mangangá"

"As composições de tio Luiz, a maioria foi baseada em fatos daqui, vividos por ele. Uma das composições ['Facilita'], dona Joana, era uma senhora que morava próximo a Santa Fé, comadre de Arsênio, o pai dele. Essa foi gravada com o Luiz Gonzaga. Diz assim: 'Comadre Joana sempre reclamou / da minissaia que a filha tem'. Aí naquela época, dona Joana tinha uma filha que era sassaricada, usava roupa curta, chamava atenção. A música vai contando que ela ia para balançar o xerém, para subir no caminhão, fazendo duplo sentido", conta o sobrinho Péricles.

"Algumas músicas foram inspiradas no que ele conviveu como se fossem inspiradas em fatos, inclusive, ele cita nomes de pessoas da época residentes aqui, em Santa Fé, pessoas já falecidas, cita também nomes de familiares, inclusive do pai dele e tios, amigos, e da própria Santa Fé", confirma Péricles Ramalho.

Outra música atribuída a Luiz, segundo a família, é "O mangangá", gravada por Gonzagão, que faz referência ao próprio pai de Ramalho, Arsenio de Sá Ramalho, identificado na música como "Ascenço Corgo", e narra o seguinte: "Ascenço Corgo que era cabra destemido, matou 16 pintada em Paraíba e Ceará / Na furna entrava de espingarda e candeeiro / E atirava no terreiro dos óio pra num errar". Outro sobrinho do compositor paraibano, Radamés Ramalho, justifica: "Aqui, nós somos extremos com o Ceará. Aí esse pessoal saía para caçar onça, tatu, essas coisas".

Outra música que se refere a passagens da vida de Luiz Ramalho é "Roendo unha", interpretada pela prima Elba. "A música diz assim: 'Quando o vim-vim cantou / corri para ver você / atrás da serra, o sol / tava para se esconder / quando você partiu / eu não esqueço mais / meu coração, amor / partiu atrás / vivo com os olhos na ladeira / quando vejo uma poeira / penso logo em você'. À época, ele morava em um casarão, que era alto. Aí quando via alguém chegar, pensava que era a namorada, uma coisa desse tipo", conta Péricles.

Mas há uma que remete diretamente à terra natal e que ficou eternizada na voz de Amelinha: "Santa Fé". O sobrinho detalha que a canção é em referência ao distrito paraibano. "Aí esse rio que está sendo falado na música é de nossa propriedade", complementa Péricles Ramalho. "É o Rio Piranhas, que, para ele, era mais importante do que o Rio Amazonas".

Para a família, a memória de Luiz Ramalho se traduz como um tio bastante presente nos festejos e que também acolhia os sobrinhos e ajudava os irmãos na cidade onde morava desde que fora fazer o curso de Direito, em João Pessoa. "Ele ensinou meu irmão a tocar violão. Deu o primeiro violão desse irmão, que também já faleceu, e presenteou meu irmão com um som, um Gianino, profissional, de baile, para fazer festa grande, um som muito caro. Na época, era raridade", coloca Péricles. Foi na capital que dava apoio à família, como era o caso das sobrinhas Lêda Ramalho e Magnólia Ramalho.

"Luiz Ramalho era muito alegre, brincalhão e um ícone da nossa família", diz Radamés. "A musicalidade dele, na época, não tinha instrumento de sopro e não tinha instrumento de percussão. Era ele quem fazia os próprios acordes, as letras, a sonorização todinha das suas músicas. Era uma musicalidade avançada no tempo, puxando o astral, que tinha muito a ver com a vida dele próprio", observa o sobrinho.



Foto: Fábio Motta/Estadão Conteúdo

Foto: Wilton Jr./Estadão Conteúdo



Homenageado do Festival de Música da Paraíba faz parte do clã dos Ramalho, cujos expoentes principais são os primos Elba (acima) e Zé Ramalho (abaixo)



Luiz ao lado da esposa e sua inspiração, Maria Jayra de Carvalho Lisboa (acima), e com as sobrinhas Lêda Ramalho e Magnólia Ramalho (ao lado): "era muito alegre, brincalhão e um ícone da nossa família"



Com sua voz, Amelinha (ao lado) eternizou "Foi Deus quem fez você", que teve mais de um milhão de cópias vendidas e ficou em segundo lugar no Festival da Nova Música Popular Brasileira, da Rede Globo, em 1980

Fotos: Arquivo da família



Foto: Fábio Motta/Estadão Conteúdo

Vida na **capital**

Luiz Ramalho chegou do interior a João Pessoa em 1956, então com 25 anos. Na capital paraibana, viveu na Casa do Estudante, na Rua da Areia, onde começaria a fazer amizade com nomes como Wilson Braga, ex-governador da Paraíba. Foi também em João Pessoa que conheceu a esposa e onde teve cinco filhos com Maria Jayra de Carvalho Lisboa (que faleceu recentemente, no dia 13 de abril, aos 88 anos). Foi por pressão da então namorada Jayra que Luiz, que tinha parado no ginasial, em Cajazeiras, decidiu fazer supletivo e, então, entrar para a Faculdade de Direito da UFPB, no prédio em frente à Praça João Pessoa, na qual se formaria como advogado.

Conta o filho de Luiz, Geber Ramalho, que o pai trabalhava na biblioteca da Faculdade de Direito da Paraíba, na qual Tarcísio de Miranda Burity sempre frequentava. Para estudar mais, ficava combinado que Luiz o deixaria permanecer na biblioteca após o fechamento e, depois de namorar, passava lá para liberá-lo. Aconteceu que um dia Luiz simplesmente se esqueceu do amigo e Burity teve que dormir entre os livros.

Na capital paraibana, depois de casado, morou rapidamente no bairro de Manaíra, seguindo depois para Pedro Gondim, onde boa parte dos filhos nasceu e cresceu. Hoje, trata-se de um condomínio que leva o nome do compositor. Entre as memórias do pai, está a de um homem leve, divertido, com boas tiradas. "Do lado pessoal, era um cara muito gente boa. Jogava bola com a gente, curtia muito, brincava e um cara sempre muito bem-humorado, ele tinha um ar sempre muito espirituoso, com muitas piadas. Foi um cara genial do ponto de vista de pai. Além disso, compositor, letrista e músico, com muitas coisas geniais, muito criterioso. Eu sou fã e ao mesmo tempo sou filho", conta Geber, que tinha 15 anos quando o pai faleceu, no ano de 1981.

Luiz Ramalho era formado em Direito e trabalhava formalmente. Dizia que precisava ter uma profissão e não viver de música, porque, se fosse assim, teria que fazer as músicas que os outros queriam. Mas sempre que ganhava dinheiro com uma composição e materializava na compra de alguma coisa, essa mesma coisa ganhava o nome da canção. Viviam, por exemplo, com a geladeira "Facilita", fazendo alusão à música gravada por Luiz Gonzaga.

No campo da música, ele chegou a ser líder de banda no antigo Centro do Estudante Universitário (CEU), que funcionava no prédio do atual Cassino da Lagoa, no parque Solon de Lucena, no Centro da cidade. Foi assim que ele astutamente planejou um esquema para tocar a trilha de filmes lançados logo após a noite de estreia, em João Pessoa, surpreendendo a todos. Antes de chegar à capital paraibana, os filmes geralmente tinham lançamento em Recife (PE). Então, assim que estreava em Pernambuco, Luiz se deslocava para lá para assistir ao filme e decorar de cabeça, ou melhor, "de ouvido" a trilha sonora da película. Gravava na mente, tocava no próprio violão para se certificar, e, se ainda não ficasse bom, voltava a ver o filme.

Também na cidade, ele dialogava com artistas da terra e de outras localidades próximas. Um dia, Luiz Ramalho chamou Geber para que ele apresentasse a primeira música que havia aprendido, quando criança, a alguns amigos. Mal o menino sabia que os amigos eram Zé Ramalho e Geraldo Azevedo. Ele igualmente lembra a boemia do pai. Conta que era comum a família ir para festas e comemorações em geral. "Ele tinha grupo de choro, tocava com outras pessoas, a gente ia para festas homéricas. Era aniversário do filho de fulano, aí começa que horas? Dez horas da manhã. Depois do almoço, churrasco, depois tem um não sei o quê. Aí tocava, às três da tarde, entrou pela noite, está tocando, e as crianças já foram embora da festa de aniversário, três horas da manhã, ele dizia para a mamãe: 'Ah, é melhor você ir embora, que eu vou ficar ainda por aqui'", conta Geber.

Conceição, a terra de **Elba Ramalho,** recebe as eliminatórias do **9º Festival de Música da Paraíba**

Logo ali perto de Bonito de Santa Fé, a cerca de 33 km, está a cidade de Conceição, que sediará, nos dias 22 e 23 de maio, as etapas eliminatórias do 9º Festival de Música da Paraíba. É de lá que ficaremos sabendo quem segue para as finais, que acontecem no dia 30 de maio, em João Pessoa. A cidade tem 142 anos de emancipação, e comporta uma população de quase 20 mil habitantes. Tem entre os filhos ilustres a cantora Elba Ramalho.

"Pessoal aqui gosta de música, cultiva música, muitos cantores, muitos compositores, muitos instrumentistas", explica o secretário de Cultura e Turismo da cidade, Fidelis Mangueira. "Inclusive, o maestro José Siqueira nasceu aqui. Nós temos a Filarmônica Zeca Ramalho, que é uma banda centenária aqui do nosso município. Agora temos fortemente também a banda marcial Mestre Siqueira, que foi o ano passado escolhida a segunda melhor banda marcial escolar do Estado da Paraíba. Então parece-me que está no sangue a questão da música".

Para abarcar essa vocação e servir como ponto de encontro e de lazer da juventude e da população, a prefeitura mantém o Centro Cultural Elba Ramalho, no Centro da cidade, local onde serão realizadas as eliminatórias do Festival de Música da Paraíba. O equipamento é composto de um galpão coberto de cerca de mil e quinhentos metros quadrados, palco, camarim e sanitários.

"O Centro Cultural Elba Ramalho foi criado no ano de 1998 para ser um espaço de acolhida dos eventos do município, porque a gente não tinha. Nós tínhamos os antigos clubes, todos entraram em falência quando começou a questão das festas de rua. No centro cultural, acontecem o Carnaval, o São João, a Festa da Padroeira, conferências, festival de quadrilhas e festival folclórico", enumera o secretário.

Nos dias 22 e 23 de maio, o centro cultural de Conceição sediará as etapas classificatórias do festival

Foto: Roberto Guedes



Desta vez, será o momento de Conceição testemunhar a jornada dos inscritos do festival em uma possível direção da final. “Nós ficamos bastante felizes com a escolha do município de Conceição para sediar o Festival de Música da Paraíba”, fala Mangueira. “E todas as outras cidades do Vale do Piancó também ficaram muito felizes. Tendo em vista que geralmente esses grandes eventos estão sempre no eixo Campina Grande e João Pessoa, a gente ficou feliz que a cultura, a mídia e o estado olharam com bons olhos para Conceição. Temos esses artistas que não param. Todo mundo sabe tocar percussão, teclado, violão, trompete, tuba, tudo que você imaginar dentro do campo musical. Conceição é seleta”.



Foto: Roberto Guedes

Um painel em homenagem à cantora e compositora Elba Ramalho, no município de Conceição

Show com Geber Ramalho

No dia primeiro dia de eliminatórias em Conceição (22/5), também haverá uma apresentação musical com o filho de Luiz Ramalho, Geber (violão, arranjos e direção musical), que contará com a presença da sua esposa, a cantora Lisiane.

“A gente vai fazer umas 10 músicas, das quais haverá uma ou duas inéditas. Ainda estamos fechando”, explicou o músico, que adiantou algumas já conhecidas que farão parte da *playlist* da noite: “Roendo unha”, “Retrato de um forró”, “Facilita”, “Veio d’água”, “Santa Fé” e “Foi Deus quem fez você”, dentre outras.



Foto: Arquivo pessoal

Um dos filhos de Luiz Ramalho, Geber, ao lado da esposa, a cantora Lisiane: apresentação musical em Conceição

“Veio d'água” grafitado no muro

Todo ano, em virtude do Festival de Música da Paraíba, a EPC promove o Concurso de Arte Grafite em Muro. Para esta edição, foi escolhido como tema a canção “Veio d’água”, de Luiz Ramalho.

Vencedora da oitava edição da iniciativa, a ilustradora e grafiteira paraibana Flora Santos recebeu um prêmio de R$ 7 mil. O painel (cerca de 21 m de comprimento por 2,40 m de altura) foi pintado no muro frontal do prédio da empresa, localizado na Avenida Pedro II, onde funcionam as rádios Tabajara (105.5 MHz) e Parahyba FM (103.9 MHz), em João Pessoa.

O projeto tem como objetivo divulgar a arte do grafite, valorizar manifestações artísticas urbanas e preservar a memória cultural da Paraíba. Além disso, busca aproximar a população, especialmente os jovens, de referências culturais e históricas do estado, por meio da arte pública.

Natural de Campina Grande e residente em João Pessoa há cinco anos, Flora Santos tem no pássaro azulão um símbolo recorrente em suas produções artísticas. Para ela, projetos como o concurso da EPC são fundamentais para reconhecer o trabalho de artistas urbanos. “O grafiteiro também tem conta para pagar, precisa comer, e isso é um trabalho como outro qualquer. Dar suporte aos artistas é um dever das instituições”.

Emerson da Cunha é repórter do jornal **A União**, jornalista formado pela UFPB e mestre em Comunicação pela UFC. Escritor, tem participação na antologia do Clube do Conto da Paraíba, *Sábado* (Dromedário, 2024).



Foto: Leonardo Ariel

Ilustradora e grafiteira paraibana Flora Santos (ao lado) e a sua criação vencedora do Concurso de Arte Grafite em Muro, da EPC (abaixo)



Foto: Evandro Pereira

Oi, **tum-tum**, bate o **coração** de **Cecéu**: pelo **amor** e pela **arte**

Reverenciada na 9ª edição do Festival de Música da Paraíba, artista figura entre as maiores compositoras do estado, cujas canções ganharam repercussão nacional e romperam as fronteiras do país

Alexsandra Tavares
alexsandrajornalista@gmail.com

Toda dupla de cantores, seja de qual for o gênero musical, se metamorfoseiam, homogeneizando-se em quase uma única pessoa. Para o bem ou para o mal da realização pessoal de cada um, não tem muito como fugir dessa realidade. Foi assim com Tonico e Tinoco, Chitãozinho e Xororó e tantos outros veteranos e novatos da discografia nacional, mas quem vamos destacar aqui é Mary Maciel Ribeiro, ou simplesmente Cecéu, de Antonio Barros (*in memoriam*). Um casal de artistas, compositores e cantores paraibanos que vivenciaram 54 anos de união e, nesse período, compuseram mais de 700 canções juntos, algumas gravadas em italiano e em hebraico. No ano passado, Antonio Barros faleceu, deixando Cecéu como a única representante desse legado.

Ela será homenageada no 9º Festival de Música da Paraíba. No dia 30 de maio, na grande final, o público contará com a presença da artista no Teatro de Arena, do Espaço Cultural José Lins do Rego, em João Pessoa, ao lado da sua filha, Mayra Barros. "Quero estar lá, linda e maravilhosa. Eu fico muito feliz pela homenagem", afirmou Cecéu.

Vale lembrar que o evento também homenageará o compositor e músico Luiz Ramalho, nascido em Bonito de Santa Fé (PB) e falecido em 1981. "Esse é o marco que o festival deseja deixar, o resgate da história de personalidades artísticas que já morreram, mas também reconhecer a arte daquelas que estão vivas e podem ir ao palco", salientou a diretora presidente da EPC, Naná Garcez.



"A gente não procura a música, mas a música procura a gente": desde pequena, Mary Maciel Ribeiro, ou simplesmente Cecéu, já sabia qual o caminho que iria percorrer

Foto: Ortilo Antônio/Arquivo A União

Estava **escrito**

Podemos dizer que a união entre Antonio Barros e Cecéu estava escrita nas estrelas, em algum lugar do universo ou traçada neste mundo pelas mãos de um destino resoluto em juntá-los. A relação entre eles antecede a presença física, uma vez que a primeira flecha do cupido foi a própria arte que disparou. Antonio era 20 anos mais velho que a esposa e companheira artística.

Quando Cecéu tinha por volta dos oito anos de idade, estudante do curso primário, caminhava rumo à escola cantarolando a música "Marieta". A canção nada mais era do que uma composição de seu futuro e ainda desconhecido marido, gravada, na época, pela saudosa Marinês. "A letra dizia mais ou menos assim: 'Marieta tá doente [...] tá doente pra morrer, Marieta!'. Achava aquilo interessante porque era uma historinha musicada. E eu sempre fui vidrada em música", comentou Cecéu.

A ligação com o mundo da melodia fez parte da infância dela. Enquanto a mãe, Maria Maciel Ribeiro, tomava conta da casa, Cecéu, com cerca de 10 anos, costumava passar parte do dia cuidando do estabelecimento da família, já que seu pai, Severino Lourenço Ribeiro, era construtor e comerciante.

Dividido entre as duas funções, ele deixava Cecéu atendendo os clientes na mercearia que tinha, junto de casa, no bairro campinense de José Pinheiro. De acordo com a paraibana, ela ficava vigiando o balcão e quando chegava um cliente tentava resolver a demanda sozinha, quando não, chamava a mãe.

"Eu vivia com o rádio em cima do birô, na mercearia, ouvindo as músicas que tocavam na época, principalmente na Rádio Cariri, de Campina Grande, que era como se fosse uma FM. Eles tocavam umas cinco ou seis músicas, depois davam o título da obra, o autor e o intérprete. Aquilo foi me impressionando muito mesmo. Quem estava no auge eram nomes como Cauby Peixoto, Ângela Maria, Anísio Silva, cantores da música popular brasileira, mas tudo muito romântico".

Já alfabetizada, Cecéu também comprava, periodicamente, a *Revista do Rádio*, onde podia acompanhar a trajetória de alguns artistas. Por ser ouvinte assídua das emissoras campinenses, muitas vezes conseguia identificar qual era a canção e o autor já nos primeiros acordes da obra.

O fascínio pelo ambiente musical está comprovado em inúmeras experiências da trajetória da cantora. Certo dia, a vizinha convidou Cecéu para comemorar o aniversário do filho. A permissão foi dada pelos pais e quando ela chegou na festa, ao invés de ir brincar com as outras crianças, ficou encantada com uma radiola que estava na sala, tocando "Iracema", dos Demônios da Garoa. Dali não saiu até escutar toda a canção. De ouvinte apaixonada, ela passou a criar e, aos 16 anos, já rabiscava as primeiras composições.

No entanto, o contato interpessoal com os cantores, tão almejado, não existia, tudo era vivido no campo sonoro e da imaginação, realidade típica do universo radiofônico. Até que a chegada dos programas de auditórios, nos anos 1950 e 1960, lhe possibilitou a realização desse sonho. A Rádio Borborema, instalada em Campina Grande, contava com estúdio e também auditório. Com isso, o público poderia participar ao vivo das apresentações musicais.

Chegou ao conhecimento dela que o cantor Anísio Silva, artista por quem ela era "apaixonada", iria para uma dessas apresentações. "As músicas dele eram muito românticas. Aí eu disse: 'Ai, manhinha, eu quero ver Anísio Silva'. Então, uma vizinha minha disse que me levava. Fiquei encantada. A primeira vez que assisti um cantor na Rádio Borborema, de Campina Grande, foi com Anísio Silva", confessou Cecéu, recordando o trecho de uma das canções que ouvira do cantor: "Quero beijar-te as mãos / Minha querida / Senta junto de mim / Vem, por favor".

Após essa experiência, não teve jeito: o senhor Severino teve de comprar uma vitrolinha da Philips para a filha, que começou a comprar os discos de seus artistas preferidos e ouvi-los quantas vezes ela desejasse.

A obra de Anísio Silva, aliás, estava impregnada na mente de Cecéu, tanto que anos depois, já casada, cantava para o marido. "Toda noite, eu cantava uma música para Antonio: Boa noite meu amor / dorme bem sonhe comigo / que os anjos lá do céu / velem por ti, meu doce amor'. E Antonio dizia: 'Mas tu sabes coisa de Anísio Silva, não é, Cecéu?'".

Assim, a paraibana passou a adolescência envolta no universo fonográfico de artistas da década de 1960 e 1970, sobretudo aqueles cujas letras falavam de amor. Aos 19 anos, ela já tinha composições prontas, todas românticas. "A gente não procura a música, mas a música procura a gente. Isso é uma coisa interessante", observou a cantora e compositora, como se quisesse ratificar que não importava onde estivesse, mas Euterpe, musa grega da música, a encontraria neste mundo.

Ele chegou

Entre um verso e outro das canções ouvidas ao pé do rádio, Cecéu vislumbrava o dia em que encontraria o companheiro de vida, sem imaginar, porém, que ele também seria seu parceiro na música e já se comunicava com ela por meio da própria arte. Até que um dia, o irmão de uma vizinha, e também a sua costureira, veio do Rio de Janeiro passar uma temporada em Campina Grande: era Antonio Barros. Ele tinha por volta dos 40 anos e Cecéu estava com 20. A primeira troca de olhares entre os dois aconteceu quando ela foi provar





Vários momentos com o marido e parceiro de autoria musical, Antonio Barros; ambos dedicaram suas composições ao forró, xote, xaxado e outros ritmos típicos da região do Nordeste

Fotos: Arquivo pessoal



Ao lado: a primeira vez que Cecéu assistiu um cantor na Rádio Borborema, de Campina Grande, foi o baiano Anísio Silva (1920–1989)



Foto: Reprodução/Arquivo Nacional

um vestido na dita casa e lá eles foram apresentados.

No dia seguinte, conversaram mais demoradamente e Antonio disse a Cecéu que tinha participado de um programa na TV Tupi. Foi aí que ela descobriu que ele era compositor, cantor e já tinha sucessos conhecidos nacionalmente, muitos deles Cecéu já admirava, mas não sabia que a autoria era de Antonio. Não demorou para que começassem a namorar, mas chegou o momento de planejar o retorno para o Rio. Antes, porém, Antonio firmou compromisso com a jovem campinense, prometendo levá-la para ficarem, definitivamente, juntos.

A notícia não soou muito bem aos ouvidos do senhor Severino e da senhora Maria Maciel, porque Antonio Barros já tinha tido um relacionamento no passado, era "desquitado", fato que Cecéu não se preocupava, porque estava segura do sentimento entre os dois. Apesar de os pais tornarem para a filha não ir embora, Cecéu, já com 21 anos, optou por levar adiante a relação, ficou noiva e prometeu que iria seguir com Antonio quando ele fosse embora.

Casados, foram morar no Rio de Janeiro. Cecéu confessou que vivenciou um misto de sentimentos ao estado carioca. "Foi um dia bom e, ao mesmo tempo, triste porque, como filha única, nunca tinha saído de casa, nem para dormir na casa de uma amiga, e meus pais eram muito apegados a mim".

Inicialmente, tiveram uma vida muito modesta, foram morar em um pequeno apartamento que Antonio possuía no município de Nilópolis, na Baixada Fluminense. A jovem paraibana também ficou impactada com o choque cultural e, à primeira vista, não gostou do ambiente onde foram residir.

Enfrentaram muitos desafios como todo casal no início da vida, mudaram algumas vezes de endereço, mas juntos foram consolidando a carreira e conquistando espaço na mídia. Começaram a fazer música juntos e em 1976 gravaram o compacto e o LP *Tony e Mary*, pela Copacabana. "Eram músicas românticas, como as da dupla Jane e Herondy", acrescentou Cecéu.

O disco, segundo ela, alcançou certo destaque nas rádios, mas como Antonio Barros já tinha uma carreira focada na música regional, resolveram beber na fonte nordestina. Passaram a se dedicar ao forró, xote, xaxado e outros ritmos típicos da região. Foi quando Cecéu compôs "Bate coração", que explodiu no Brasil em 1981, na voz de outra paraibana, também campinense. "Essa música é uma vitrine até hoje, gravada em 1981 por Elba Ramalho e foi sucesso nacional. Essa canção é a cereja do bolo", recordou Cecéu que cantarolou um verso para a reportagem do *Correio das Artes*. "Bate, bate, bate, coração / Dentro desse velho peito / Você já está acostumado / A ser maltratado, a não ter direitos..."

O xote tinha sido lançado um ano antes por Marinês e já era ouvido em várias rádios brasileiras. Regravado em estúdio por Elba para o álbum *Alegria*, foi a principal faixa de trabalho do LP. Nesse projeto, sob a produção de Marco Mazzola, Elba foi acompanhada pelos músicos da banda Rojão que tinha Elber na bateria e percussão, Zepa na guitarra, além de Sidinho também na percussão. Os arranjos e regências ficaram por conta de Zé Américo, que ainda tocava acordeon.

No encarte da obra original, Elba comentou como "Bate coração" lhe foi apresentada.

Foto: Arquivo pessoal



Antes de abraçar os gêneros nordestinos, Cecéu gravou com Antonio Barros o LP Tony e Mary *(Copacabana, 1976), com músicas românticas*



Em 1981, Cecéu compôs "Bate coração", que explodiu no Brasil na voz da conterrânea, que é prima do outro homenageado do Festival de Música da Paraíba: Elba Ramalho

Foto: Fábio Motta/Estadão Conteúdo

"Um primo meu, médico, o Ari Viana, pesquisava muito as músicas da Marinês, que era meu ídolo e me mandava para eu ouvir. Numa dessas, esbarrei com 'Bate coração' e resolvi cantar", comentou Elba.

Após esse sucesso, outra composição, dessa vez assinada por Antonio Barros, projetou ainda mais a trajetória da dupla. A canção "Homem com H", que ficou imortalizada na interpretação do cantor Ney Matogrosso (atualmente com 84 anos) foi lançada no álbum homônimo no início da década de 1980. A música foi uma das obras que consolidou a carreira solo de Ney. "Foi o meu produtor, Mazzola, quem me trouxe 'Homem com H'", frisou o artista, em entrevista ao *Correio das Artes*.

Contudo, quando a canção foi apresentada ao cantor, ele teve receio de gravá-la, porque até então não havia interpretado músicas com ritmo nordestino e a estreia foi com a composição paraibana. "Fiquei com medo de que soasse oportunismo por eu não ser do Nordeste, mas Gonzaguinha desanuviou minha cabeça. Eu tinha acabado de gravar e ele estava no estúdio, aí eu perguntei: 'Gonzaguinha, eu gravei essa música aqui, mas não tenho certeza se vou deixar no disco'. Mas aí ele me disse: 'Só você pode dar outra conotação para isso'. Aí eu desgrilei", acrescentou o artista sul-mato-grossense.

Ney afirmou que, durante um *show* que fez há alguns anos em João Pessoa, conheceu Antonio Barros e Cecéu, que foram assistir à apresentação. Ele disse que chamou Antonio para subir ao palco. "Foi ótimo, o povo adorou aquilo: o criador e a criatura, né isso?", contou.

Uma das características marcantes das apresentações de Ney é a forma como ele dança, uma coreografia bem particular, movimentando o corpo como se braços, pernas, tórax e todas as articulações absolvessem a batida da canção. E com as composições de Antonio Barros e Cecéu que ele gravou, os passos e movimentos não foram diferentes. Segundo o artista, tudo é feito de forma espontânea, nada é programado.

"Eu não penso, vou soltando o corpo e fazendo. Não sou daqueles que imagina o que vai fazer, não. Eu descubro fazendo. Também não é uma coisa que eu repito exatamente igual".

Encontros

O casal paraibano esteve com Ney Matogrosso em algumas ocasiões, em João Pessoa. Uma delas foi na 8ª edição do Fest Aruanda do Audiovisual Brasileiro, quando o artista recebeu o Troféu Aruanda e participou da exibição do documentário *Olho Nu*, focado em sua trajetória. Ao final, Antonio Barros e Cecéu foram lhe cumprimentar e, em entrevista na mídia paraibana, perguntaram a Ney qual era a homenagem mais significativa, a primeira, do recebimento do troféu, ou a segunda, a surpresa dos compositores paraibanos. "A segunda é mais importante, não se materializa num objeto, mas são coisas que acontecem que dou muito valor", respondeu.

Em outro momento, foi quando o artista passou com sua turnê *Bloco na rua* pela capital e se apresentou no Teatro A Pedra do Reino. "No *show*, o público pedia: 'Homem com H', 'Homem com H'. Ele não cantou porque sabemos que esse tipo de *show* é montado e não muda o que está programado. Antonio Barros e eu fomos ao camarim e quando ele nos viu ficou meio sem graça, mas dissemos a ele que não se preocupasse porque tínhamos ido lá prestigiá-lo. Tiramos várias fotos e foi ótimo", contou Cecéu.



Foto: Rafael Cusato/Arquivo Fest Aruanda

Registro do encontro entre o casal de paraibanos e Ney — "o criador e a criatura" — durante a oitava edição do Fest Aruanda do Audiovisual Brasileiro, em João Pessoa, no ano de 2013

É por debaixo dos panos...

Com a experiência positiva de "Homem com H", Ney Matogrosso não pensou duas vezes em gravar a segunda composição da dupla paraibana, dessa vez assinada por Cecéu. "Na sequência, eu gravei 'Por debaixo dos panos', também apresentada por Mazzola. Com essa música a gente fez um clipe para o *Fantástico* [programa da Rede Globo] e foi um tumulto", declarou, referindo-se ao burburinho que a música causou.

A letra inteligente e irreverente de "Por debaixo dos panos" chama a atenção e agrada o cantor. De acordo com Ney, "tudo é uma ironia, tem um duplo sentido. É debochado, eu adoro, e não deixa de ser engraçado".

Em entrevista ao programa *Por trás da canção*, do Multishow, Antonio Barros revelou que a inspiração para compor "Homem com H" veio de um dos diálogos da telenovela *O bem-amado*, de Dias Gomes, vista pelo paraibano em 1973: o protagonista, Odorico Paraguaçu (Paulo Gracindo) atestava sua "virilidade" com "Nunca vi rastro de cobra / Nem couro de lobisomem / Se correr o bicho pega / Se ficar o bicho come". Ney ainda regravaria outra canção assinada apenas por Cecéu, com tema similar — "Pra virar



Foto: Fábio Motta/Estadão Conteúdo

Segundo Ney Matogrosso, é inegável a contribuição das duas composições — "Homem com H" e "Por debaixo dos panos" — para a consolidação de sua carreira solo, na década de 1980; ao lado, capa do LP que tem a faixa "Homem com H"

Imagem: Reprodução/Ariola

Ney: "Cecéu, acho muito justo que você seja homenageada por tudo que você fez dentro da música do Nordeste, mas que repercute no Brasil inteiro"

lobisomem", incluída no LP *Destino de aventureiro* (1984); ambas as faixas haviam feito parte do repertório do conjunto Os 3 do Nordeste, nos anos 1970.

Já sobre "Por debaixo dos panos", o *Correio das Artes* não poderia deixar perguntar qual o sentido por trás desse "sigilo", na canção. De acordo com ela, a letra faz menção a inúmeras situações que ocorrem longe dos olhos alheios, sem alarde ou propositalmente escondidas: desde o contexto político, das inúmeras falcatruas que vez ou outra explodem na mídia, até a um relacionamento amoroso ocultado.

"Isso é um dito muito antigo que diz: 'Olha, o que ele faz é por debaixo dos panos', que é a mesma coisa de falar: 'Como ele é quietinho'. É um termo tão atual, porque tudo o que é feito no país muitas vezes é por debaixo dos panos e, às vezes, a bomba vem depois. Então, é um tema muito realista, até para a época de hoje, como para todos os tempos. Até um chameguinho a gente faz escondidinho para ninguém saber", explicou a compositora.

Segundo Ney, é inegável a contribuição das duas composições para a consolidação de sua carreira solo. "Nossa! Foi muito importante. O 'Homem com H' principalmente, porque todo mundo canta até hoje".

Durante a entrevista, Ney Matogrosso deixou uma mensagem para a artista, que está sendo exaltada no Festival de Música da Paraíba deste ano. "Cecéu, acho muito justo que você seja homenageada por tudo que você fez dentro da música do Nordeste, mas que repercute no Brasil inteiro. Todo mundo conhece suas músicas e todo mundo gosta, então é muito adequado que se faça isso".



Vencedora do Grammy Latino, a paulistana Mariana Aydar diz que Cecéu (com Antonio Barros) são vitais: "Ela é muito importante para a nossa música e para nós mulheres que também compomos"

Foto: Flora Negri/Divulgação

Nova **geração**

Não são apenas intérpretes veteranos que respeitam e admiram o trabalho de Antonio Barros e Cecéu. Cantores de gerações mais recentes, também reconhecem o valor da dupla. Um exemplo é a paulistana Mariana Aydar, vencedora do Grammy Latino na categoria de Melhor Álbum de Música de Raízes em Língua Portuguesa, em 2024 (com o álbum *Mariana e Mestrinho*) e em 2020 (com *Veia Nordestina*). A artista nasceu quando Cecéu e o marido já faziam sucesso.

Para Mariana, Antonio Barros e Cecéu são de vital importância, não apenas para o fortalecimento do forró, mas para a música brasileira de um modo geral. Segundo ela, esse ritmo é um dos grandes pilares da música nacional. "Antônio Barros e Cecéu são um marco nesse estilo de composição. E a Cecéu, por ser uma compositora, uma mulher, traz também esse olhar feminino. Ela é muito importante para a nossa música e para nós mulheres que também compomos", declarou Mariana Aydar.

Para ela, é papel obrigatório da nova geração conhecer o trabalho da dupla paraibana, uma vez que "fizeram vários clássicos, falam de um jeito simples e, ao mesmo tempo, com requinte, sobre vários temas".

O contato com a obra do casal campinense, porém, chegou de forma inconsciente, nos momentos em que Aydar se divertia dançando forró, ainda bem jovem. Somente em 1999, quando havia formado a própria banda, percebeu o quão genial era o trabalho do casal. "Compreendi que eles eram uma das grandes duplas de compositores brasileiros".

Do gosto pelas músicas que a incentivava a dançar na adolescência, passando pela valoração cultural do trabalho dos compositores até chegar à intérprete da canção dos campinenses. Em 2021, ainda na crise da pandemia de Covid-19, Mariana Aydar lançou o EP *Aqui em casa* e nele estava a canção "Forró do xenhenhém", de Cecéu.

Aydar declarou que poderia ter escolhido qualquer outra música do portfólio dos paraibanos, porque o resultado seria o mesmo: aceitação popular total. Mas, nessa criação especificamente, a artista confessou que "ama a letra levada". "E também porque já está no meu repertório, cantei com a Roberta Sá na época da pandemia, então a gente escolheu essa, mas eu poderia ter escolhido várias", completou.

Cecéu não esconde a satisfação de ver as composições da dupla interpretada pelos cantores da atualidade. "É muito gratificante saber que esse povo jovem não vai deixar a nossa cultura morrer".

Guardiã do legado artístico

Único fruto da união entre Antonio Barros e Cecéu, a cantora e bacharel em Direito Mayra Barros declarou que é um privilégio ser filha "de duas pessoas que nunca deixaram a bagagem de compositores geniais subirem à cabeça".

Segundo ela, por ser filha dos artistas, teve a oportunidade de conviver com pessoas do meio cultural, conhecendo vários intérpretes, o que contribuiu para entrar nesse universo e chegar a ser convidada a montar e inaugurar a Associação Brasileira de Música e Artes (Abramus), uma das entidades do Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (Ecad).

A vivência no meio musical desde cedo, contribuiu para aflorar seu lado musical. "Como artista, gravei dois discos: o primeiro pela gravadora americana Sum Records e o segundo pelo nosso próprio selo Mca3 Produção. No entanto, preferi atuar profissionalmente na área do Direito", afirmou Mayra, que é consultora jurídica e responsável por resguardar os direitos autorais da obra dos pais.

Ela considera a tarefa de cuidar da obra de Antonio Barros e Cecéu "uma missão árdua

Filha do casal, Mayra Barros é consultora jurídica e responsável por resguardar os direitos autorais da obra dos pais, que foram um exemplo de união

Foto: Arquivo pessoal



e dolorosa, pois são poucos os artistas que são verdadeiramente unidos". De acordo com ela, há muitas máscaras e poucos dão créditos aos compositores de um modo geral. O ímpeto de adentrar nessa área jurídica em defesa dos autores das criações musicais iniciou ainda criança, quando via a luta da própria mãe em tentar tornar os direitos autorais mais respeitados e garantir um bom combate contra as partes que queriam explorá-los como compositores.

Mayra reforça que Antonio Barros foi sua inspiração para se enveredar para os palcos, "um verdadeiro professor". Ao falar da mãe, ela diz que vê a homenagem do Festival de Música da Paraíba como uma resposta à expressão feminina de Cecéu na arte, uma espécie de reconhecimento à figura batalhadora que enfrentou perrengues dentro e fora da vida artística. "Mas, nunca baixou a cabeça para conquistar seu espaço e fazer de Antonio Barros um grande homem como ser humano e como artista".

Resumo biográfico

Nascida em 2 de abril de 1950, em Campina Grande, no Agreste paraibano, Mary Maciel Ribeiro, ou Cecéu, passou a infância e a adolescência na terra natal. Concluiu o curso primário na Escola São Vicente de Paula, próximo ao Açude Velho, e o ginásio no antigo Colégio Anita Cabral.

Era de uma família de classe média e quando menina gostava de cantarolar músicas que escutava no rádio, além de brincar de boneca. "Lembro que ganhei uma boneca da Estrela [tradicional fábrica de brinquedos] e as crianças iam lá pra casa para ver. Quando elas saíam, eu guardava na caixa porque aquilo para mim era como se fosse era um troféu".

Conheceu o marido, Antonio Barros, na década de 1970 e juntos foram morar no Rio de Janeiro, local onde passaram a compor juntos e ganhar destaque como artista. Ambos, têm mais de 700 composições e entre as que são assinadas apenas por Cecéu estão "Sou o estopim", "Bate coração", "Forró do Poeirão", "Amor com café", "Por debaixo dos panos", 'Forró desarmado", "Forró nº 1", "A procura de Forró", dentre muitas outras.

Em 2021, por meio da por meio da Lei 11.900, a obra musical da dupla foi reconhecida por lei como patrimônio cultural imaterial da Paraíba, reforçando a coautoria de seus sucessos. Os dois, tiveram composições gravadas por cantores famosos no país, como Alcione, Gilberto Gil, Fagner, Os 3 do Nordeste, Marinês e Dominguinhos, dentre muitos outros.

O casal paraibano passou vários anos no Rio de Janeiro, depois morou 17 anos em São Paulo, voltou à Paraíba onde ficou uma temporada, fixou residência em Brasília (DF) por sete anos e foi lá, com Antonio Barros já atingido pelo Parkinson, que voltaram à terra natal.

Em 6 de abril de 2025, Antonio Barros faleceu e, desde então, Cecéu está em João Pessoa, com a filha. "Mesmo quando estávamos morando fora, nunca deixamos de ter um lugar na Paraíba para passarmos temporada. E nossa união foi muito feliz, maravilhosa, fiquei muito abalada quando ele morreu, parecia que faltava um pedaço de mim. Vivi 54 anos com um homem muito digno e honesto", afirmou Cecéu.

Dupla homenagem aos paraibanos

Além de Cecéu, o Festival de Música da Paraíba também destaca o legado de Luiz Ramalho (*in memoriam*). Desde 2024, o evento faz duas homenagens, uma póstuma e a outra de um artista vivo, sobretudo mulher. A primeira artista a ser exaltada em vida foi Cátia de França e a segunda, Glorinha Gadelha.

O grande repertório de Antonio Barros e Cecéu motivou a escolha pela paraibana para subir ao palco durante a programação do evento. "Cecéu já estava na nossa lista desde 2025, mas por motivos pessoais não pensou em participar. Este ano renovamos o convite, destacando mais uma mulher na música. Ela não é apenas cantora, mas também compositora e essa é uma forma de respeitar o talento em vida", declarou a diretora presidente da EPC, Naná Garcez.

De acordo com ela, o festival ainda tenta enfocar o talento da força feminina na arte. "As mulheres sofrem certo apagamento na sociedade e temos que destacá-las", enfocou Garcez.

A gestora declarou que o festival busca fortalecer a cultura paraibana e a edição 2026 será repleta de emoção. Esta publicação do *Correio das Artes*, que traz reportagens sobre os dois homenageados, será lançada durante a programação do evento, no município Bonito de Santa Fé, terra de Luiz Ramalho. Na ocasião, será realizada uma manhã literária, com palestra, exposição de livros da Editora A União, dentre outras atividades.



Com Antonio Barros, Cecéu vivenciou 54 anos de união; nesse período, os paraibanos compuseram mais de 700 canções juntos, algumas gravadas em italiano e em hebraico

Foto: Ortilo Antônio/Arquivo A União

Alexsandra Tavares é jornalista, chefe de reportagem do jornal **A União** e repórter do *Correio das Artes*. Ela vive e trabalha em João Pessoa (PB).



Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Convivência crítica

Nadja **Claudino** e Maria **Bonita**: os fios **secretos** do **tempo**

I

O título, *Maria Bonita: entre o punhal e o afeto* (Cajazeiras: Arribaçã, 2020), não poderia ser melhor na sua riqueza catafórica, demarcada, aqui, por uma instigante ambivalência. O amor e a violência se mesclam para enunciar novas perspectivas em torno da fenomenologia do cangaço. Títulos são viscerais e compõem a estrutura interna dos textos, na medida em que lhes apontam direções e lhes sugerem significados. Conteúdo, ideias, conceitos, posições, tudo integra a camada semântica que configura sua formulação. A professora e ensaísta Nadja Claudino, escolhido o assunto e recortado o objeto formal de estudo, procura rastrear a saga da mulher cangaceira, sem incidir, por um lado, no equívoco da mitificação, da mistificação, da visão apologética, e, por outro, sem se deixar conduzir pela fúria da demonização ou da gratuita diatribe. Evita, portanto, trilhar as veredas do desequilíbrio cognitivo em que tantos e tantas se comprazem ao enfrentar tema tão fértil e instigante.

II

Diferente dos olhares estereotipados que delimitam a experiência do cangaço, a historiadora traz à tona de sua dissertação uma tópica pouco estudada. Quero me referir ao papel desempenhado pela figura da mulher, no caso em tela, Maria Bonita, na odisseia dramática dos acontecimentos que envolveram o bando de Virgulino Ferreira da Silva, o "Lampião", entre os idos de 1917 e 1938, nos sertões nordestinos. Para tanto, se socorre de vasta e pertinente bibliografia com a qual dialoga criticamente, quer revalidando a legitimidade das fontes pesquisadas, quer sinalizando para lacunas e problemas exegéticos visíveis, aqui e ali, em leituras apressadas e preconceituosas. Nesse aspecto, me parece louvável a atitude da estudiosa, disposta a pensar a matéria por si mesma, numa como que preocupação em se revelar, inteira e plena, com denodo e paixão, diante do assunto de sua escolha.

III

O livro se subdivide em quatro capítulos e as considerações finais. No primeiro, de natureza introdutória, a autora estabelece as diretrizes gerais de sua análise e as linhas de força do seu pensamento, falando das razões subjetivas que a motivaram a partir da leitura de folhetos de cordel guardados num baú de sua bisavó, descoberto num "lugar encantado" de sua "infância". Junte-se a isso um documentário sobre o cangaço, visto na adolescência, para deflagrar, na jovem e inquieta historiadora, o desejo de transmutar o fato histórico em obra de pesquisa. Pesquisa realizada com paciência, método, inteligência e paixão.

No segundo capítulo, faz-se o confronto entre os múltiplos discursos engendrados pelos especialistas face ao tema abordado, no tentame de descortinar os olhares diversos e contraditórios sobre a matéria em exame, assim como se verifica, em outra clave, as possíveis relações entre o cangaço e a literatura de cordel.

No terceiro, talvez o núcleo duro do processo heurístico, o foco recai na personalidade de Maria Bonita, seus embates e conflitos afetivos enquanto mulher em meio ao cangaço, seus papéis dife-



Foto: Leonardo Ariel



Diferente dos olhares estereotipados que delimitam a experiência do cangaço, a historiadora (ao lado) traz à tona na obra (acima) um tema pouco estudado: o papel desempenhado pela figura da mulher no movimento

Foto: Arquivo pessoal

renciados, sua singularidade e sua particularidade no bojo de sua condição existencial. A autora, aqui, demonstra, com pertinência e apurado senso crítico, os limites de sua representação calcada sobretudo pelo viés masculino, ao mesmo tempo em que procura, a partir de teorias de gênero, desconstruir os modelos redutores utilizados na formação de sua identidade.

No quarto e último capítulo, Nadja Claudino, sem temer a censura positivista e atenta à flexibilidade das fontes na concepção de uma nova história, procura explorar os discursos jornalísticos e os folhetos de cordel, em especial, para tratar do "massacre de Angicos" e da morte de Maria Bonita.

IV

Os paratextos, por sua vez, me parecem em inteira conformidade com o teor das ideias que Nadja Claudino desenvolve ao longo de suas páginas. Orelhas, de Linaldo Guedes, o editor; os prefácios assinados por Susel Oliveira da Rosa e Lenilson Oliveira, assim como a epígrafe, de Patativa do Assaré, e os parágrafos da contracapa, a cargo de Dayane Sobreira e Albetania Bezerra Alves, tudo converge para acentuar a relevância e a originalidade do trabalho. A professora Albetania toca num ponto seminal, pelo menos para mim, quando afirma:

"Não seria exagero, aliás, falar numa simbiose entre Nadja e Maria Bonita, pois as duas, vivendo em épocas diferentes, representam a típica mulher nordestina que busca estar sempre além do seu tempo".

Diria mais: há alguma coisa que liga secretamente os fios do tempo, a demonstrar o protagonismo da mulher na seara tanto dos afazeres materiais quanto dos ditames do pensamento crítico. Não são poucas as marcas textuais que dão testemunho do que afirmo.

V

A propósito, para além da substância que enforma a natureza do texto, naquilo que ele contém de informação, conhecimento, saberes, toca-me principalmente a coragem da enunciação, que nunca abdica da paixão e de certa poeticidade no tratamento da palavra. Nadja Claudino se desnuda subjetivamente diante do seu objeto, o cangaço, a mulher no cangaço, Maria Bonita, na sua dolorosa pluralidade, e se coloca por dentro da linguagem, sem temer normas classificatórias, convocando, assim, o leitor, para a incontornável aventura das descobertas. E o que é a história senão esse percurso permanentemente em crise entre palavra e fato. Por isto mesmo, depois desse livro, se lido com atenção, cuidado e capacidade de recepção, o cangaço se abre ao movimento plural e infinito das interpretações. Creio que a ciência tem, nesse movimento, a sua história. *Maria Bonita: entre o punhal e o afeto*, escrito por Nadja Claudino, mulher do litoral, porém com alma sertaneja, não me deixa mentir. É ler, degustar e conferir.

"Não seria exagero, aliás, falar numa simbiose entre Nadja e Maria Bonita (foto ao lado), pois as duas, vivendo em épocas diferentes, representam a típica mulher nordestina que busca estar sempre além do seu tempo"

Hildeberto Barbosa Filho é poeta e crítico literário. Mestre e doutor em Literatura Brasileira, professor titular aposentado da UFPB e membro da Academia Paraibana de Letras (APL). Autor diversas obras. Mora em João Pessoa (PB).



Foto: Reprodução/Arquivo Benjamin Abrahão Botto



Gustavo **Moura**

Paulo Rossi
Especial para o Correio das Artes

Segundo o filósofo Gaston Bachelard, objetos familiares, guardados no "armário das coisas", nos trazem de volta à vida lenta, e que, junto deles, somos tomados pela fantasia atracada na memória. O candeeiro é desses objetos da lembrança, iluminava os espaços como também os encontros, as procissões, sua chama tinha cheiro e tinha cor, era mágica, lembrá-la é mergulhar num mar de fantasias e de sentidos.

Uma cadeira coberta pela folhagem rosada de um jambeiro, um circo e um mandacaru, um cavaleiro e um casario colorido são, juntamente com a ideia do candeeiro, objetos recuperados no relicário de lembranças do fotógrafo paraibano Gustavo Moura. Em suas próprias palavras, o ensaio ***Candeeiro dos dias*** "é o encontro da luz e das cores que abraçam a fotografia que realizo… é o meu ritual de celebração dos sentidos". Sentidos ancorados na fantasia que suas imagens suscitam com uma energia equivalente a de crianças que sustentam uma pipa no ar.

























Gustavo Moura (PB) fotografa desde 1980. É autor de antologias fotográficas como *Imaginário* (Editora Tempo d'Imagem, 2000) e *Varadouro — Soneto em preto e branco* (Edições Varadouro, 2002), além de projeto como *Do reino encantado*, que resultou na exposição e no livro que abordam o universo do escritor e dramaturgo Ariano Suassuna. Durante duas décadas, atuou como fotógrafo da Coordenação de Extensão Cultural (UFPB), e, desde 2016, integra a organização da sociedade civil Maracá Cidadania. Atualmente, desenvolve projetos documentais e ensaios autorais, além de realizar trabalhos para o mercado editorial.

O presente do acaso no risco biográfico

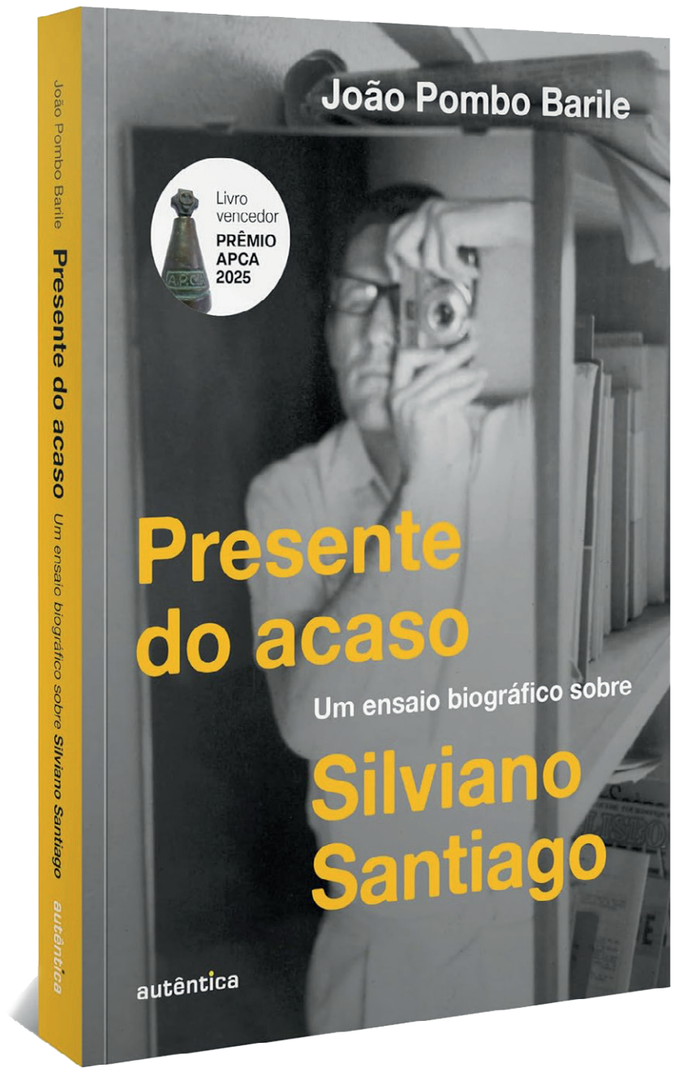


Imagem: Divulgação/Autêntica

Bruno Gaudêncio
Especial para o Correio das Artes

João Pombo Barile não escreveu apenas um ensaio biográfico sobre Silviano Santiago; escreveu também um livro sobre a dificuldade (e a disputa) de biografar alguém que conhece profundamente os bastidores do gênero e não abre mão de controlar a própria imagem. Em *Presente do acaso: um ensaio biográfico sobre Silviano Santiago* (Autêntica, 2025), o jornalista se aproxima do escritor mineiro como quem entra num terreno minado: com método, com paciência — e com a consciência de que, ali, o biografado não será "personagem" passivo, mas agente permanente de tensão narrativa.

Minha entrada na obra não foi neutra. Confesso que comprei o livro, em parte, para vencer uma implicância antiga com Santiago, que sempre me pareceu um ficcionista superestimado na tradição literária brasileira. Eu o conhecia sobretudo pelos romances (*Em liberdade* e *Machado*), e pouco sabia de sua dimensão como professor e, principalmente, ensaísta. A leitura de Barile, nesse sentido, cumpre um papel ambivalente: ilumina um Santiago mais complexo do que o estereótipo do "grande autor" e, ao mesmo tempo, expõe um sujeito que por vezes irrita — metódico, inventivo, reservado, intransigente e controlador. Essa ambivalência é, talvez, o motor mais interessante do livro.

O gesto mais produtivo de Barile é assumir a biografia como negociação — e, por extensão, como conflito. O livro se organiza como um "duelo" (em certos momentos, uma "luta de braço") entre biógrafo e biografado. Desde o início, Santiago se incomoda com a ideia de ser biografado e tenta conduzir o modo como será narrado. O que poderia virar um impasse vira procedimento: Barile transforma a resistência em matéria narrativa.

É por isso que *Presente do acaso* se encaixa com precisão na noção de "metabiografia", como propõe Sérgio Vilas Boas: uma escrita que não oculta seus bastidores, que explicita as condições de produção do relato e que apresenta ao leitor o jogo entre quem escreve e quem é escrito. Aqui, a transparência não é efeito de sinceridade performática apenas; é, antes, uma estratégia para tornar legível o conflito central: quem detém o controle da vida narrada?

Essa tensão aparece de modo quase cênico. O biografado reage com ironia, tédio, agressividade ou com um sorriso "de Mona Lisa". O leitor, em alguns trechos, pode se chatear com as reações de Santiago — e isso não é um defeito automático: é um dado do projeto. Ao manter a fricção em evidência, Barile evita a idealização hagiográfica e impede que a biografia se torne um monumento.

Outro acerto forte do livro está no uso do arquivo. Barile não apenas consulta documentos presentes na biblioteca de Santiago: ele os incorpora à narrativa, transcrevendo cartas, registros pessoais, fotografias e também mensagens de WhatsApp e *e-mails*. O efeito disso é duplo. De um lado, o arquivo dá densidade, criando um lastro material e reforçando que a vida narrada não é só lembrança ou opinião; é também papel, vestígio, rastro. De outro, essa incorporação confere ao texto um teor performático: o leitor não recebe apenas uma história "sobre" Santiago, mas acompanha, quase em tempo real, os mecanismos de descoberta, as pistas e os desvios — como se a pesquisa estivesse acontecendo diante dele.

Essa escolha dialoga com um traço do próprio Santiago, que Barile consegue evidenciar: o interesse pelo agora, sem perder o pé no passado. O título do livro — extraído de um verso de Drummond, contido n'*A rosa do povo* — "Recebe com simplicidade este presente do acaso" — não funciona como ornamento. O acaso, no livro, vira método: é pelo inesperado (pelo encontro fortuito com um documento, por uma resposta atravessada, por uma recusa) que Barile vai revelando o biografado e também revelando ao leitor as condições da revelação.

Há um ponto em que a obra se eleva de maneira mais consistente: o período de for-



Foto: Camila Coutinho/Divulgação

Na obra vencedora do Prêmio APCA 2025 (página ao lado), João Pombo Barile (acima) ilumina um Silviano Santiago mais complexo do que o estereótipo do "grande autor" e, ao mesmo tempo, expõe um sujeito metódico, inventivo, reservado, intransigente e controlador

mação de Santiago, em Minas Gerais. Barile acerta ao articular o papel da amizade, do cinema e do gibi, e ao lançar mão de uma abordagem geracional para as décadas de 1960 e 1970. Nesses trechos, o Santiago aparece menos como "grande nome" e mais como sujeito situado: alguém que se forma no cruzamento entre repertórios culturais, redes de sociabilidade e ambições intelectuais.

No entanto, essa força vai se diluindo quando o livro avança para a bem-sucedida carreira acadêmica nos Estados Unidos e no Brasil e a vasta produção intelectual do biografado. Não se trata de ausência completa — Barile conduz o leitor por esse percurso —, mas a energia narrativa diminui. Talvez porque o coração do projeto não seja (apenas) mapear a obra de Santiago, e sim dramatizar o embate entre a biografia e o controle. Ainda assim, fica a impressão de que a fase intelectual poderia ganhar maior foco interpretativo, menos preso ao olhar do biografado e do arquivo. Isso, inclusive, incomoda bastante Silviano, que não suporta ser intérprete de si mesmo.

O livro também é atravessado por o que considero lacunas importantes — e Barile, em grande medida, não é o responsável direto por elas. Falta, por exemplo, mais detalhes sobre as polêmicas e os debates públicos envolvendo Santiago com figuras notórias como os irmãos Campos e Affonso Romano de Sant'Anna. Falta, também, maior abertura para aspectos da vida pessoal de Santiago, inclusive a sua experiência como homem *gay*, tema sobre o qual o biografado se fecha quase



Foto: Nikolas Candido/Divulgação

Coração do projeto não é apenas mapear a obra de Santiago, e sim dramatizar o embate entre a biografia e o controle

completamente, limitando as alternativas do biógrafo.

Há ainda um ponto que aparece como "solto": o período da Ditadura Civil-Militar, especialmente quando se menciona a prisão do irmão de Santiago, em Belo Horizonte. É um assunto que surge, mas não se desenvolve plenamente — talvez justamente por tocar em zonas de desconforto e resistência do biografado. A frase anotada por Barile explicita esse mecanismo de defesa e ataque: "Já tinha me acostumando com seu modo operante. A resistência muitas vezes virava agressividade, quando era obrigado a falar sobre assuntos que o incomodavam" (p. 261).

Ao mesmo tempo, esse limite é coerente com a proposta metabiográfica: em vez de "preencher" as lacunas com suposições, Barile as apresenta como parte do problema biográfico. A ausência vira dado — e isso é, em termos de método, uma postura ética.

Se há uma herança que o livro deixa, ela é uma lição sobre o fazer biográfico, muitas vezes mediada pelo próprio Santiago, que, por final, é uma das maiores autoridades sobre o tema no Brasil. Algumas formulações destacadas por Barile sintetizam um *ethos* de trabalho e, ao mesmo tempo, um modo de pensar a narrativa de vida. "Para ele, o trabalho sempre importou mais do que o talento" (p. 192) é uma dessas frases que soam como máxima, mas também como autodefinição do biografado: a disciplina como ética.

Mais decisiva para o gênero é a ideia de recorte biográfico que Silviano Santiago compreende como uma espécie de modelo ideal do gênero: "Para mim, uma maneira de escrever uma biografia de alguém, disse o escritor, é eleger apenas um momento na sua vida. Um período de sua existência que possa servir de chave para a compreensão de sua trajetória. A parte que explora o todo" (p. 258-259). A frase funciona quase como manifesto: a biografia não como totalidade impossível, mas como escolha de uma chave interpretativa. Santiago fez isso muito bem em boa parte de sua obra ficcional, se lermos com atenção obras como *Em liberdade* e *Machado*.

Barile não segue tal modelo — embora opte na minha concepção pela chave narrativa do conflito biográfico. Em vez de tentar esgotar a trajetória de Santiago, o livro aposta no que a biografia tem de mais delicado: o pacto (sempre instável) entre biógrafo, biografado e leitor.

No fim, a pergunta que fica — e que o próprio leitor talvez faça ao resenhista neste momento — é se a implicância inicial foi vencida. Em parte, sim. O livro abre frestas para reconsiderar Santiago, sobretudo ao deslocá-lo do pedestal do romancista e aproximá-lo do ensaísta de sofisticação rara. A prosa ficcional pode continuar soando superestimada, mas a leitura de *Presente do acaso* teve o mérito de reorientar o meu olhar: colocando Santiago como pensador do discurso biográfico e como figura intelectual que compreende (e tensiona) as regras do jogo. Reconheço agora os méritos do autor de *Literatura dos trópicos*.

Ao narrar esse embate com transparência e inteligência, João Pombo Barile estreia com um livro que ensina, na prática, como fazer biografia sem ingenuidade. Se o biografado tenta controlar o texto, o biógrafo não finge neutralidade: transforma a tentativa de controle em narrativa; e a narrativa, em método. Não surpreende, portanto, que a obra tenha sido reconhecida — premiada com o APCA 2025 e com fôlego para circular em listas de destaque para 2026.

Desde o início, Santiago se incomoda com a ideia de ser biografado e tenta conduzir o modo como será narrado. [...] Barile transforma a resistência em matéria narrativa

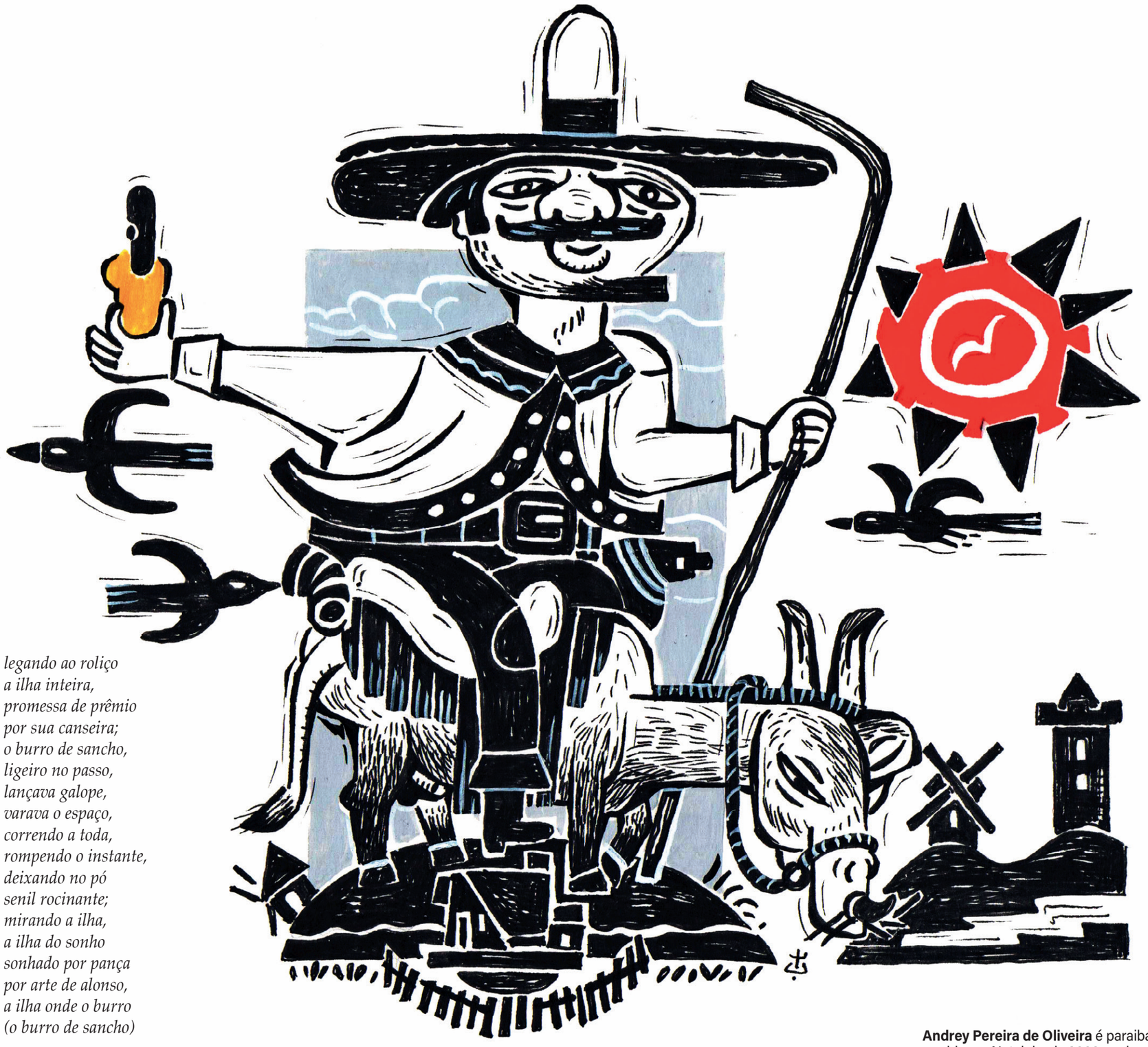
Mais do que "sobre" Silviano Santiago, *Presente do acaso* é um livro sobre o encontro tenso entre vida, arquivo e escrita — e sobre o acaso como aquilo que, às vezes, salva o projeto quando o controle ameaça talvez asfixiá-lo. Se uma resenha deve, ao mesmo tempo, informar e posicionar, aqui está o ponto: Barile consegue fazer da resistência do biografado não um obstáculo, mas a própria forma do livro. E é nessa forma — metódica, performática, inquieta — que a leitura se sustenta.

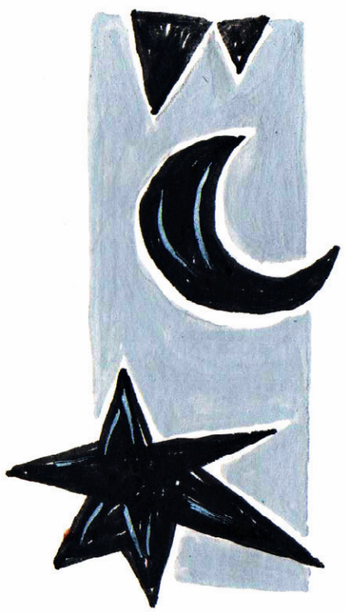
Bruno Gaudêncio é escritor e historiador. Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP).

Andrey **Pereira**

balada do burro de sancho

o burro de sancho
remancha com sono,
carrega no lombo
o peso do dono.
se mexe, sem pressa,
atende, indolente,
os parcos comandos
de pança dormente.
no lombo se escancha
o dono rotundo,
sonhando com ilha
tamanho do mundo
da qual terá mando
ao fim do serviço
que presta a alonso,
o sábio sem siso.
se acaso soubesse
(não fosse alheio)
do trato que une
o sábio e o escudeiro,





legando ao roliço
a ilha inteira,
promessa de prêmio
por sua canseira;
o burro de sancho,
ligeiro no passo,
lançava galope,
varava o espaço,
correndo a toda,
rompendo o instante,
deixando no pó
senil rocinante;
mirando a ilha,
a ilha do sonho
sonhado por pança
por arte de alonso,
a ilha onde o burro
(o burro de sancho)
seria um ginete,
o dono do rancho.
no rancho do burro
(melhor, do ginete),
o feno viria
em molho de peixe;
se o burro quisesse
cruzar pelo campo
mandava selar
o lombo de sancho.
mas ele não sabe,
ao menos ainda,
que ao escudeiro
se deve uma ilha
que tem endereço
no sonho insano
da mente em delírio
de alonso quijano.
por isso o burro
de sancho roliço,
sem pressa, remancha,
se entrega a cochilos;
por isso o burro
de pança rotundo
carrega no lombo
o peso do mundo.



Andrey Pereira de Oliveira é paraibano de João Pessoa e reside em Natal desde 2009, onde atua como professor de literatura brasileira na UFRN. Autor de *Coruja de trapo* (Cepe, 2024), seu primeiro livro de poemas, que obteve o terceiro lugar no Prêmio Alphonsus de Guimaraens, da Fundação Biblioteca Nacional, em 2024.



João Batista de Brito
brito.joaobatista@gmail.com

Imagens amadas

O ato falho dos Irmãos Lumière



Foto: Reprodução/Lyon Municipal Archives

Fotos: Reprodução/YouTube





Acima, sequência de um dos curtas dos Lumière, O regador regado, *uma narrativa ficcional propriamente dita, com todas as características do filme moderno que o século 20 consagrou*

"O cinema não se presta a nada além do registro científico da realidade". As palavras podem não ter sido exatamente estas, mas a ideia foi. Foi o que asseguraram os irmãos Auguste e Louis Lumière ao espectador deslumbrado George Méliès, durante as primeiras exibições do cinematógrafo, no Salão Indiano do Grand Café, em Paris, na França, lá pelos finais do ano de 1895. Fascinado com as possibilidades do invento, o prestidigitador Méliès queria comprar o cinematógrafo para usar com fins artísticos.

Sempre mencionada pelos historiadores, a afirmação dos Lumière é um exemplo de equívoco curioso, de difícil explicação. Como podiam os inventores da Sétima Arte estar tão enganados sobre o seu próprio invento? Segundo se deduz da sua frase, o cinema seria estritamente documental, e, portanto, não comportaria nem o ficcional, nem o narrativo — elementos que, como se constata há muito tempo, consagraram o cinema como a arte do século.

E, de fato, todas as pequenas películas exibidas no Grand Café de Paris, realizações dos Lumière, faziam isso: registravam cientificamente o real, sem qualquer incursão na ficção ou na narração. Podia ser um trem chegando à estação ou os operários saindo de uma fábrica — esses filmezinhos de poucos minutos eram, sim, estritamente documentais e, se fosse o caso, previam esta qualidade para o cinema do futuro.

Que reação, mais tarde, tiveram os Lumière ao cinema ficcional e narrativo que veio no bojo de *Nascimento de uma nação (Griffith, 1915)* não interessa: o fato é que, patenteadores do invento, defenderam o emprego científico do cinematógrafo, e ponto final.

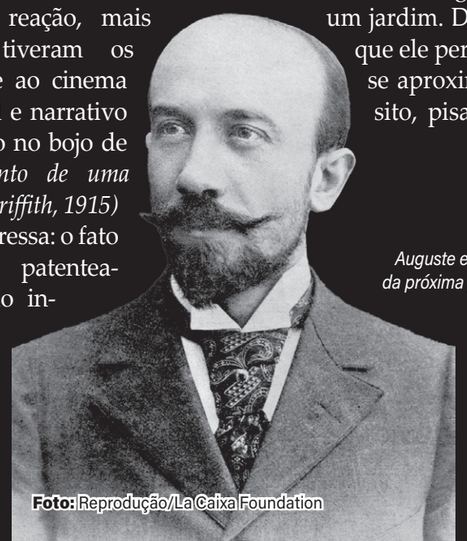


Foto: Reprodução/La Caixa Foundation

Auguste e Louis Lumière (na foto da próxima página, acima) falaram para um deslumbrado Méliès (ao lado): "O cinema não se presta a nada além do registro científico da realidade"

Pois bem, só não se trata de ponto final porque, em pelo menos uma película, os Lumière se traíram e cometeram um interessante ato falho, tão pouco considerado pelos historiadores de plantão. O filme é *O regador regado* (*L´arroseur arrosé*, 1895) e foi exibido no Grand Café de Paris, na mesma data em que Méliès ouviu a famosa resposta.

O seu conteúdo pode ser descrito assim. Com o uso de uma mangueira, um senhor de meia idade rega as plantas de um jardim. De repente e sem que ele perceba, um garoto se aproxima e, de propósito, pisa na mangueira. Como o jato d´água é sustado, o senhor levanta a ponta da mangueira para ver o que houve; o garoto retira o pé da mangueira e o jato d´água estoura no rosto desse jardineiro surpreso. Segue-se uma perseguição em que o garoto é punido.

As plateias do Grand Café parisiense iam ao delírio com esse filmezinho de um minuto de duração, mas, nem isso dava aos irmãos Lumière a sugestão de que ali estava, condensado, o futuro de uma nova e grande arte.

Notem que, ao contrário dos outros filmes dos irmãos Lumière, *O regador regado* tem muito pouco de documental, para não dizer que não tem nada. Conta uma estória que, como o roteiro de um filme moderno, tem começo (o jardineiro regando tranquilamente), meio (a interrupção do regar e o jato d´água indesejado) e fim (a perseguição e punição). Como nos filmes da época, é tudo mostrado em uma mesma tomada, e não pode ter deixado de haver "direção" da parte de quem filmava. Ou seja, os irmãos Lumière conceberam a cena antes de ligarem o seu cinematógrafo e, com certeza, orientaram os atores. Sem sombra de dúvida, trata-se de uma narrativa ficcional propriamente dita, com todas as características do filme moderno que o século 20 consagrou.

Feito pelos Lumière ou por outros, o cinema primitivo que vai de 1895 a 1906 é chamado pelos historiadores de "cinema de mostração", justamente em oposição ao "cinema de narração" que viria depois.

Ora, poucos historiadores se dão conta de que, realizado em 1895, *O regador regado* contradiz essa conveniente divisão.

Lida e relida nos livros de história, a afirmação dos irmãos Lumière sobre a natureza estritamente científica do cinema parece absurda ao espectador moderno. Mais absurda soa depois de se assistir a esse inteligente, criativo e divertido *O regador regado* — ato falho genial de inventores bem menores que seu invento.

João Batista de Brito é escritor e crítico de cinema e literatura. Autor de obras como *Imagens amadas* (Editora Ateliê, São Paulo, 1995). Mora em João Pessoa (PB).

“A terceira cidade”: Expedito Ferraz estreia na ficção

Nova obra do autor é “um romance sobre destino, memória e culpa, mas também sobre a contraditória afeição que nutrimos pelos lugares que nos habitam”

Sérgio de Castro Pinto
Especial para o Correio das Artes

Expedito Ferraz Jr. é poeta, ficcionista e docente. Como professor de Literatura da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), ele tem por hábito disseminar os poetas paraibanos, sobretudo os autores mais recentes. Com o livro *A terceira cidade* (Caravana Grupo Editorial, Ouro Preto-MG, 2025), ingressa na ficção com um romance inventivo e bem realizado formalmente, fruto, também, de sua convivência de muitos anos com os gêneros literários.

Sobre a sua poesia, tive a oportunidade de escrever a propósito de *O visgo das coisas* (Editora Penalux, Guaratinguetá-SP, 2017), mais especificamente a respeito do lirismo que perpassa os seus poemas: “Diria que é um lirismo na medida certa, sem liberar a sangria desatada dos sentimentos e sem incorrer no equívoco de preservar a versão original do poema a partir da falsa premissa de que retocá-lo, elaborá-lo, significaria conspurcar aquilo que os poetas possuem de mais puro e visceral: a espontaneidade”. E mais adiante: “[...] Os poemas de Expedito mostram como ‘a força poética verdadeira transforma as tendências do tempo em coisa própria do poeta’”.

Na entrevista a seguir, Expedito Ferraz Jr. fala dos escritores com os quais dialoga, da teoria literária como suporte da criação literária, da poesia, enfim, de vários assuntos atinentes à literatura e aos seus derivados.



Foto: Evandro Pereira

De acordo com Expedito Ferraz, o livro mostra uma pequena cidade em decadência, por meio da perspectiva de um protagonista angustiado com a transformação dessa paisagem

Quando começou a comichão do ficcionista no poeta?

É interessante começarmos por esse tema, porque, além de ser uma estreia (tardia) no gênero romance, esta é, de fato, minha primeira experiência com a narrativa de ficção, de modo geral. Na verdade, eu não saberia definir o momento exato em que a vontade de contar histórias se manifestou. O que sei, de certo, é que foi durante o confinamento decorrente da pandemia da Covid-19 que me surgiram o tempo e o tédio necessários para colocar em prática esse projeto, e que ele acabou se revelando, para mim, como algo bastante prazeroso.

Como surgiu o enredo de *A terceira cidade*?

Na orelha do livro, escrevi que *A terceira cidade* é "um romance sobre destino, memória e culpa, mas também sobre a contraditória afeição que nutrimos pelos lugares que nos habitam". O enredo surgiu da vontade de representar essa afeição conflituosa: imaginei uma cidadezinha histórica, com um casario de arquitetura oitocentista, mas já em processo de descaracterização, mostrada do ponto de vista de um protagonista angustiado com a transformação dessa paisagem. Acho que tudo o mais no romance se desenvolveu a partir desse conflito — que é, afinal, para o protagonista, uma angústia diante do correr do tempo e das ausências que se acumularam entre a sua partida e o retorno a esse lugar simbólico.

Até que ponto há poesia na narrativa de *A terceira cidade*?

Considerando o enredo do livro, o motivo dessa cidadezinha adoecida (assinalado pela ausência das aves) já aparecia num poema chamado *Céu de Franz Kafka*, do meu primeiro livro, *Poheresia*, de 2014. Essa imagem convida a um flerte com o insólito, ao mesmo tempo que deixa tudo ali meio carregado de um sentido simbólico, muito comum à poesia. Além do elemento temático, vejo "cacoetes" de linguagem poética também no nível da frase, em seu aspecto rítmico, no jogo de espelhamentos e reiterações que há entre os capítulos, nas analogias que pontuam todo o romance.

Você é professor de literatura na Universidade Federal da Paraíba. Eu pergunto: até que ponto o conhecimento da Teoria Literária ajuda na concepção da poesia ou da prosa de ficção?

A teoria nos ensina a ler melhor os textos literários, mas não nos diz, diretamente, como escrevê-los. Escrever transcende a experiência da leitura. É algo infinitamente mais complexo. O ensinamento mais útil da teoria, para quem escreve, é a constatação de que o efeito de uma obra não é produto do acaso, ou de intuições, mas resultado de escolhas que um autor faz. Adquirir essa consciência, evidentemente, não resolve as nossas limitações criativas, mas talvez nos ajude a fundamentar nossas crenças acerca do que vem a ser o fazer literário.

Você acha que o público leitor se mostra mais receptivo à poesia ou à ficção?

Eu acho que, em certa medida, a ficção vem cedendo mais e se adaptando melhor aos imperativos do mercado editorial. A grande poesia — essa que você tão bem conhece e pratica — não cede a padronizações. Por isso, vem sendo gradativamente "descartada" e recolhida aos ambientes virtuais, onde a mercadoria já nem é mais o conteúdo, mas o próprio leitor. Nesse contexto, resta à ficção dos nossos dias subverter esse processo, disseminando pensamento crítico por entre as frestas de uma estrutura que gostaria de convertê-la em mero entretenimento.

Com quais poetas, ficcionistas, dramaturgos, ensaístas, críticos etc. você dialoga?

A epígrafe do livro é uma frase retirada do conto *Las babas del Diablo*, de Julio Cortázar, que inspirou uma adaptação cinematográfica livre de Michelangelo Antonioni (*Blow Up*, de 1966). Um dos personagens de *A terceira cidade*, um argentino, cita outra frase desse mesmo conto. Penso que temos aqui uma pista. O cinema, aliás, é um elemento muito presente na construção das personagens de *A terceira cidade*. Também ouvi de mais de um(a) leitor(a) que haveria ali certa invocação ao imaginário de Guimarães Rosa, o que me gratifica e me dá medo, porque a história é muito simples e despretensiosa para comportar a responsabilidade de um diálogo dessa dimensão. A verdade é que há uma meia dúzia de referências intertextuais de que eu não consegui me desviar e cuja arqueologia deixo como jogo e provocação aos meus futuros dez ou vinte leitores (veja que estou sendo mais otimista do que o famoso "defunto autor" de Machado!).

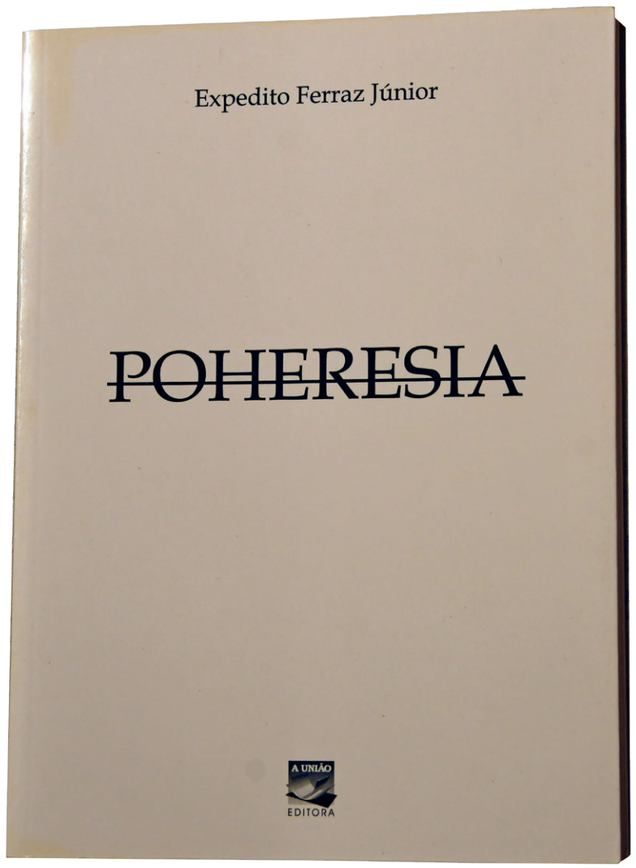
Você se sente mais à vontade escrevendo poesia ou ficção?

A criação literária acontece para mim, em geral, como uma espécie de laboratório. Escrevo para conhecer a literatura por dentro, para experimentá-la e entender como ela produz seus efeitos, mas também para me colocar sob o olhar alheio. Assim como ocorreu com o texto poético, o interesse pela construção de um romance me surgiu dessa necessidade de explorar um universo que, até esse momento, eu só conhecia do ângulo do leitor. É fato que as engrenagens do poema me são muito mais familiares, mas a ficção, neste momento, é o que me desafia, me instiga e me acena com possibilidades e descobertas.



Epígrafe de A terceira cidade *é uma frase retirada do conto* Las babas del Diablo, *de Julio Cortázar (no centro)*

Foto: Antonio Lúcio/Estadão Conteúdo



Motivo da cidade adoecida na nova obra já aparecia num poema do autor chamado Céu de Franz Kafka, *que encontra-se no seu primeiro livro, intitulado* Poheresia *(Editora A União, 2014)*

Foto: Evandro Pereira

Sérgio de Castro Pinto é poeta, jornalista e professor aposentado de literatura brasileira da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Autor de diversas obras, como *Zoo imaginário*, *A flor do gol* e *Brando fogo das palavras*. Mora em João Pessoa (PB).

Petrônio **Souto** — O **poeta** "das pequenas **coisas"**

Neide Medeiros Santos
Especial para o Correio das Artes

Eu sabia que Petrônio Souto era bom cronista, um apaixonado por sua cidade, colecionador de fotos antigas, jornalista, conhecedor dos meandros da política paraibana e de seus bastidores, mas desconhecia sua verve poética. O livro *PS em poucas linhas* (Stant/Leevro, 2024) comprova que, além de cronista, é também poeta, às vezes lírico, outras vezes jocoso.

Trova ou quadra? É uma pergunta que se faz quando se está diante de um poema composto por uma única estrofe de quatro versos. Massaud Moisés, no *Dicionário de termos literários,* considera que, por sua brevidade e singeleza, a quadra lembra o *haicai* japonês. Os cantadores medievais davam-lhe o nome de pés. Muitos poetas eruditos publicaram livros com quadras, entre eles Fernando Pessoa.

O poeta escolheu um título instigante para seu livro — *PS em poucas letras.* O leitor curioso quer logo saber o que significam essas duas letrinhas. Não precisa pressa. Em "Nota do autor" (p. 133) vem a explicação: PS são as iniciais do seu nome — Petrônio Souto. Desvendado o segredo, é partir para a leitura do livro e descobrir seu "itinerário lírico" caminhando pelas ruas e bairros de João Pessoa.

O bairro do Róger que marcou sua infância e adolescência vem descrito de uma forma saudosista:

> *É Rogers seu nome antigo,*
> *bairro do meu coração.*
> *Somente nele consigo*
> *reanimar a paixão.*

Atualmente, a sua morada é um pedacinho do céu. No infinito, avista-se a imensidão do azul do mar, olhando para a direita a barreira do Cabo Branco empresta graça e beleza ao local. Esta quadrinha diz tudo:

> *Não moro em apartamento,*
> *moro numa bela paisagem.*
> *Aqui o meu pensamento*
> *está sempre de viagem.*

Na cidade antiga, o que mais lhe chama a atenção é o verde sendo substituído pelo concreto. Os bondes não existem mais, só se veem carros, eles dominam o asfalto das ruas que teimam em se modernizar. O espaço para pedestre ficou diminuído e tudo gira em torno do progresso. Acabou-se o romantismo, o namoro nos bancos das praças, os beijos furtivos dos namorados. Esse tempo, impregnado de saudades, está registrado nesta quadrinha:

> *Bancos de praça eram berço*
> *de velhos, grandes amores.*
> *Hoje (tudo pelo avesso!)*
> *viraram palco de horrores...*

Os bairros, como Róger e Varadouro, teimam em deixar vestígios de um passado glorioso, mas nem sempre isso é possível — há prédios em ruínas, casarões abandonados. A quadrinha que se segue reflete bem o clima de tristeza diante da paisagem desolada:

> *João Pessoa deu as costas,*
> *abandonou um tesouro,*
> *fez suas idas sem voltas*
> *esqueceu o Varadouro.*

Do Hotel Globo, situado no bairro do Varadouro, avista-se o Rio Sanhauá com suas águas tranquilas e o pôr do sol mais bonito da cidade. O Varadouro já teve porto, os pescadores pescavam peixes e vendiam nas feiras livres, tudo desapareceu, o porto... não há mais, e os peixes... fugiram em busca de outras águas. Diante de uma foto do pôr do sol no Hotel Globo, o poeta assim externa seu sentimento saudosista:

> *Uma foto mui singela,*
> *dum lugar mais que esquecido;*
> *mas, para mim, é aquela*
> *que me faz embevecido.*

E o rio Sanhauá, que já encantou os visitantes, é apenas a sombra do passado:

> *Sanhauá, que foi um dia*
> *nosso encanto na paisagem,*
> *perdeu hoje a alegria...*
>
> *Parece mais com visagem.*

Os familiares não foram esquecidos, mereceram quadrinhas laudatórias. O pai partiu cedo, na antevéspera de Natal, e tudo ficou mais sombrio com essa ausência. A mãe era professora e se foi alguns anos depois, deixou um legado para o filho — o amor aos livros e à leitura.

As filhas, em número de quatro, são também louvadas. A data de aniversário de cada uma é festejada com poesia. As meninas são "heroínas neste mundo de mumunhas". Petra, a primogênita, segue firme em sua trilha de amor ao conhecimento:

> *Petrinha, a primeira filha,*
> *faz anos, renova o tempo,*
> *sempre firme em sua trilha*
> *de amor ao conhecimento.*

Glenda, a segunda filha, mereceu esta quadrinha:

> *São quatro minhas filhinhas:*
> *todas fadas de uma lenda...*
> *Mas hoje acendo velinhas*
> *para a que se chama Glenda.*

Júlia, a terceira filha, merece esta louvação:

> *Esta Júlia toda prosa:*
> *completa hoje outro aninho...*
> *Pra ela, vai esta trova*
> *com muito amor e carinho*

A caçula Rinah não foi esquecida:



Obra do poeta, cronista e jornalista reúne mais de 200 quadras — estrofes de quatro versos —, cujo "itinerário lírico" caminha pelas ruas e bairros de João Pessoa

Fotos: Evandro Pereira

Dia que deixa minh´alma
com a imensidão do mar.
É que hoje bato palma
para a filhota Rinah.

Em outras quadrinhas, aflora o tom jocoso e a graciosidade domina a cena poética. Encontram-se versos voltados para o homem comum, para os fatos do cotidiano e para a política. Os políticos não foram poupados: são sempre motivo de chacota e de crítica. Futebol. Copa do Mundo, tudo é motivo para "poetar".

Observando o livro em seu conjunto, sente-se que há uma multiplicidade de sentimentos e de vozes: afeto, quando se trata dos familiares; saudosismo ao referir-se à cidade antiga com suas ruas, ladeiras e casarios abandonados; ironia e graça quando o assunto é eleições, políticos e promessas não cumpridas.

A leitura das quadrinhas proporciona um passeio pela vida do poeta e pela cidade de João Pessoa. A vida deve ser vivida de acordo com o compasso que se imprime: alegre como a "Sonata nº 13", de Mozart, ou triste como a "Sonata ao luar", de Beethoven.

Seu último desejo vem expresso nestes versos:

Que minhas cinzas sejam enfim lançadas
na dobra entre o Cabo Branco e o Seixas.
Lá, meu barco terá velas içadas.
para que nele sigam minhas queixas...

Como o poeta Lúcio Lins, Petrônio é amante do mar. Todas as águas o levam ao mar, aos barcos e às velas içadas. Além disso, gosta das coisas simples, das "pequenas coisas" como o poeta pantaneiro — Manoel de Barros. Os dois poetas merecem também figurar nesse itinerário lírico de Petrônio:

o mar
sou eu
coração posto à deriva
(mar errante
no porão de uma nau perdida)

(Lúcio Lins. *Autorretrato*).

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há de ser medido pela intimidade que temos com as coisas.

(Manoel de Barros. *Achadouros*).



Foto: Evandro Pereira

Na sua coletânea, Petrônio Souto mostra uma multiplicidade de sentimentos e de vozes: afeto, saudosismo, ironia e graça são alguns dos exemplos

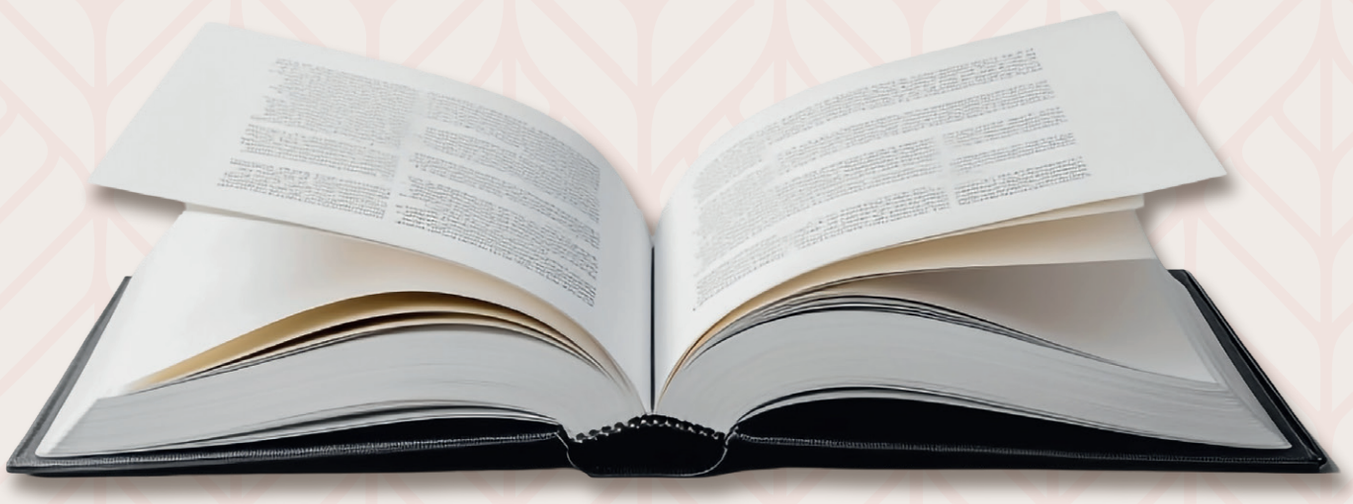
Em tempo: Não poderia deixar de fazer referências ao excelente trabalho de editoração do livro. A coordenação editorial ficou a cargo de Rinah Souto; a revisão de Isa Morais e Mariana Elis, a diagramação de Luyse Costa e consultoria e finalização de Ricardo Oliveira. A obra saiu pela Stant (o selo de autopublicação da editora Leevro). A Paraíba possui boas editoras e os livros que saem com selos editoriais paraibanos merecem aplausos e reconhecimento.

Neide Medeiros Santos é escritora, poeta e professora aposentada da UFPB, tendo lecionado Teoria Literária e Literatura Infantil. Membro da Academia Paraibana de Letras (ABL), da União Brasileira dos Escritores — Seção Paraíba (UBE-PB) e da Academia Feminina de Letras e Artes da Paraíba (Aflap).

VOCÊ, AUTOR

PUBLIQUE SEU LIVRO NA **EDITORA A UNIÃO**.

Da avaliação do original, passando pela edição, revisão, diagramação, até finalizar com a impressão, realizamos o trabalho completo de transformação do seu texto em obra.



Entre em contato e agende uma conversa:
(83) 99363-7083

EDITORA
A UNIÃO


A vida acontece com o Sesc
A vida acontece com educação, saúde, cultura, lazer e assistência.
Sesc
Fecomércio
Senac